

OS TRABALHADORES AFIRMAM EM TODO O PAÍS A SUA CONFIANÇA REVOLUCIONÁRIA NO PCP



A rapidez com que o «Avante!» chegou no domingo a todas as organizações do Partido e, depois, a forma como brigadas improvisadas fizeram chegar dezenas de milhares de exemplares às mãos de todos quantos aguardavam com ansiedade a voz do PCP traduzem uma vitória de organização e uma demonstração impressionante do prestígio, da força, da penetração do Partido entre as massas e extraordinária dedicação dos seus militantes.

O Partido não tem distribuidora própria. Mas o «Avante!» foi distribuído e vendido com uma eficácia que nenhuma distribuidora comercial poderia igualar. A eficácia que é inseparável das palavras que se lêem no alto da primeira página: Determinação e Confiança! A determinação e confiança dos militantes comunistas. A dos que carregaram o jornal, a dos que o distribuíram e venderam, a daqueles que, por vezes fazendo bichas, estavam impacientes para ter nas mãos o nosso «Avante!». Só um Partido como o nosso, só o PCP, como vanguarda revolucionária da classe operária, poderia, num domingo, vencer as dificuldades técnicas ligadas à distribuição e venda de Norte a Sul de cerca de uma centena de milhar de exemplares. A determinação e confiança expressas nos documentos da direcção do Partido foram a determinação e confiança que transpareciam dos rostos e dos gestos, dos sorrisos e das palavras das camaradas da UEC e da UJC que anunciaram a presença do «Avante!» nas ruas de dezenas de cidades e vilas, dos operários que, renunciando ao descanso dominical, imitaram os jovens comunistas, dos militantes de todas as idades e sectores de actividade que travaram e ganharam mais esta batalha.

Editorial

CONJUGUEMOS ESFORÇOS CONTRA OS PERIGOS DO FASCISMO

O último foco da sublevação militar de esquerda extinguiu-se. É ainda cedo para uma análise aprofundada das suas causas e para a determinação correcta das suas margens de aventura, de espontaneidade e também de idealismo sincero e consequente de muitos dos seus participantes.

Para já pode concluir-se por uma perda de posições das forças revolucionárias e do movimento popular e o correlativo debilitamento das barreiras de resistência a uma viragem à direita e contra os perigos do fascismo.

As formas como está a processar-se o rescaldo deste primeiro grande confronto entre militares depois do 25 de Abril são de molde a suscitar as apreensões de todos os amigos da democracia Portuguesa dentro e fora do País.

(Continua na pág. 2)

- Provocação contra a Reforma Agrária
- E a provocação de Rio Maior?
- Por uma informação ao serviço da Revolução
- Funeral do operário assassinado no Porto
- Novo Centro de Trabalho do PCP em Benfica
- Solidariedade dos Partidos irmãos
- A quem aproveita o «apartheid»?
- Economia do estado soviético

(páginas interiores)



CAMPANHA DE FUNDOS

Na sequência das grandes campanhas de fundos desenvolvidos pela força e determinação dos comunistas portugueses, o PCP, partido que vive exclusivamente do esforço e espírito revolucionário das massas trabalhadoras, apela para todos os seus militantes e simpatizantes no sentido de reforçarem a ajuda financeira ao Partido.

O PCP, que tem vindo a crescer extraordinariamente nestes últimos meses,

ergue-se hoje no contexto político português, como a mais bem organizada força operária. Os centros de trabalho e delegações têm-se multiplicado; a actividade revolucionária cresce. Paralelamente a toda esta intensa movimentação é imperioso assegurar com eficácia as numerosas responsabilidades que nos cabem.

Ao contrário dos partidos da burguesia, o PCP vive pura e exclusivamente das

contribuições dos militantes. As calúnias referentes a uma falsa ajuda externa, que nos têm sido dirigidas tanto pelas forças reacçãoárias como pelos grupelhos esquerdistas, não passam de especulações sem fundamento inseridas nos seus intentos anti-operários e anti-camponeses.

O nosso Partido não vive de Moscovo ou dos Países socialistas como apregoa a contra-revolução.

O fortalecimento e ex-

pansão do PCP acarreta sempre problemas de carácter financeiro; para isso os trabalhadores, conscientes da real importância que o Partido representa no combate à reacção, ao fascismo e ao imperialismo, demonstram uma vez mais o seu elevado espírito de sacrifício e serão capazes de manter e prosseguir todas as actividades em que o Partido está empenhado desde há meio século.



Desenho de José Dias Coelho publicado no «Avante!» n.º 310, da 2.ª quinzena de Novembro de 1961

A história do Partido Comunista Português é a história daqueles que, empunhando a bandeira do marxismo-leninismo, o criaram, o construíram, o engrandeceram.

Álvaro Cunhal in «Rumo à Vitória»

Pág. 3



Pág. 5

SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

Editorial

CONJUGUEMOS ESFORÇOS
CONTRA OS PERIGOS DO FASCISMO

(Continuação da pág. 1)

///

É imperioso para a defesa da Revolução e das suas conquistas que os critérios repressivos cedam o lugar às medidas políticas de profundidade que possibilitem no prazo mais curto possível a superação da crise político-militar, de que os acontecimentos da última semana constituem a manifestação mais dramática e perigosa.

Os refluxos do movimento revolucionário são sempre contingentes e circunstanciais. Errariam gravemente os que avaliassem a força ou fraqueza de uma revolução pela curva dos seus fluxos e refluxos.

As forças conservadoras que intentassem agora, baseadas nesse erro de cálculo, explorar a derrota dos sublevados para inverterem o processo revolucionário e recuperarem as posições perdidas em 25 de Abril e 11 de Março encontrariam pela frente a resistência das classes trabalhadoras da cidade e do campo e de todos os portugueses amantes da democracia e da liberdade, que são a verdadeira força da Revolução Portuguesa.

O Partido Comunista Português que antes batalhou incansavelmente por uma solução política global para a crise como única alternativa de uma confrontação militar violenta — continua a bater-se por tal solução. Hoje, liquidada a sublevação militar, a prevalência de critérios repressivos como forma de superar a crise, longe de a resolver no interesse profundo do povo português mais a complicaria e agravaria.

Apesar dos traumatismos provocados pela sublevação militar e pela sua derrota, levantam-se nas duas grandes tendências do nosso movimento revolucionário — que não são inconciliáveis na defesa dos objectivos essenciais da revolução — vozes concordantes quanto à necessidade de uma solução política global saída de um largo entendimento entre as forças de esquerda, civis e militares.

Que os inveterados divisionistas do nosso movimento revolucionário escutem essas vozes que com a do PCP preconizam a saída política para a crise, que a escutem antes que seja tarde, antes que eles próprios sejam triturados pelas forças sinistras da reacção e do fascismo que preparam o salto.

///

A posição dos dirigentes do PS expressa no documento do Secretariado Nacional de 28 de Novembro último, mostra uma persistência em absoluto condenável do cego anticomunismo que abriu as portas aos manejos das forças que intentam liquidar as liberdades e todas as conquistas essenciais da Revolução.

Os dirigentes do PS persistem na sua deliberação política de aliança à direita e nem se dão conta que estão perdendo toda a imagem de um partido de esquerda. A aliança do PS com o PPD — e através deste com as forças mais reacçãoárias — será como a lenda da panela de barro e da panela de ferro em que na curva decisiva do rio a panela de barro do PS se estilhaça ao contacto com a panela de ferro do PPD.

Hoje inúmeros socialistas viram as costas às posições divisionistas dos seus dirigentes mais destacados e este fenómeno está alterando pro-

fundamente a base social do PS. O PCP nunca alentou nem alenta este dessoramento de classe nas fileiras do PS, que joga em prejuízo da revolução e do socialismo, mas compreende que ele é consequência de uma aspiração traída de milhares de socialistas que divergindo num ou outro pomenor dos comunistas se habituaram a lutar com eles, ombro com ombro, contra o regime fascista apeado do poder em 25 de Abril de 74 por objectivos fundamentais comuns.

Essa luta comum continua e continuará nas difíceis condições actuais da Revolução Portuguesa. A unidade de comunistas e socialistas será o esteio da unidade de todos os democratas e anti-fascistas que querem defender a Pátria de uma nova ditadura fascista cujos contornos perigosamente se desenhavam.

Quando os dirigentes do PS insinuam o empenhamento do PCP nas sublevações militares de fins de Novembro, cometem uma fraude histórica só possível pelo seu anti-comunismo inveterado. No último número do «Avante!» é demonstrado que o PCP foi e é o mais árduo batalhador pela solução política da crise. Nenhuma força, por mais cego que seja o seu anti-comunismo, conseguirá anular a verdade histórica quanto à posição de um grande partido revolucionário como o PCP. Que não o esqueçam os divisionistas do PS.

///

Entretanto à sombra do estado de sítio parcial e de acções repressivas contra as forças de esquerda o perigo do fascismo avoluma-se de maneira sensível.

As perseguições contra a esquerda podem levar a uma «caça às bruxas» que favorecerá extraordinariamente os conspiradores fascistas.

Pela fronteira de Espanha, no Centro e no Norte do País, centenas de ELPs e MDLPs entram armados até aos dentes como em terreno conquistado, sem nenhuma obstrução das forças militares e militarizadas. Esta indiferença contrasta com a forma como se está procedendo com as forças de esquerda.

É este perigo real que impõe uma larga convergência de esforços entre todos os que desejam erguer uma barreira intransponível ao regresso do fascismo. Nenhuma divergência de pomenor, nenhum preconceito sectário deverão impedir a rápida formação duma frente ampla de todos os anti-fascistas portugueses.

Os militantes de esquerda agora aprisionados são necessários nas fileiras do anti-fascismo português. A nossa Revolução deve ser tão generosa para com os seus defensores quanto implacável e dura com os seus inimigos irredutíveis (que trabalham para um banho de sangue em Portugal), com aqueles que querem fazer do nosso País o clube da Europa.

Cada uma das forças actualmente em actividade na cena política portuguesa assumirá uma responsabilidade histórica perante o nosso povo e o mundo.

Solução política para a crise, supressão dos critérios repressivos — eis o caminho apontado pelo PCP como o único que pode salvar Portugal da catástrofe!

Unidade de todos os anti-fascistas portugueses — eis a força que derrotará os intentos da reacção para destruir a Revolução em Portugal!

POR UMA INFORMAÇÃO
AO SERVIÇO DA REVOLUÇÃO

É preciso deter a ofensiva das forças da direita nos órgãos de informação e impedir que um dos esteios da Revolução venha a ser posto ao serviço dos que conspiram para fazer regressar o país ao fascismo

Foi na resistência anti-fascista que se forjaram os maiores valores da nossa cultura, que se preservou e desenvolveu o património cultural do nosso povo. Os nossos maiores escritores, os nossos homens de teatro, os nossos músicos, os nossos mais notáveis profissionais da Imprensa e da Rádio — enfim, a maior parte daqueles que, após o 25 de Abril, puderam finalmente dar livre curso às suas faculdades criadoras, através dos diferentes meios de comunicação social — tiveram um duro combate contra a censura, contra a repressão, contra o obscurantismo, durante os negros anos da ditadura fascista. Muitos deles viram os seus livros apreendidos, a sua música emudecida, as suas peças de teatro interditas, os seus artigos retalhados. Muitos foram impedidos de exercer a sua profissão. Muitos sofreram mesmo a tortura e a prisão.

A natureza do poder fascista implicava não só a mais desenfreada exploração económica das classes trabalhadoras, não só a repressão mais brutal dos seus militantes de vanguarda, mas também, e por isso mesmo, a consciente tentativa de desagregação da identidade cultural do nosso povo, a alienação, e o embrutecimento colectivos. «Quando ouço falar em cultura, puxo logo da pistola» — dizia um conhecido dirigente nazi dos anos trinta. E em todas as épocas assim foi: as forças do progresso, as forças que se bateram pela marcha dos povos em direcção à sua completa libertação, foram sempre as supremas defensoras e depositárias da inteligência e da cultura, e tiveram que defrontar-se, em heróicas batalhas históricas, contra a repressão brutal desencadeada pelas forças da ignorância e do obscurantismo, pelas forças da reacção.

Durante 48 anos, o fascismo teve tempo de organizar uma monstruosa máquina de desinformação e de imbecilização, anti-democrática e anti-cultural. Temos ainda bem fresco na memória o tipo de rádio e de televisão que se fazia em Portugal: ele eram as cançonetas em «sol-e-dó», do pior gosto artístico, combinadas com letras inconsistentes, quando não claramente fascistas e colonialistas; ele eram as vedetas comerciais da grande indústria do disco europeia ou norte-americana; ele eram os programas de folclore, degradado em subproduto comercial, e tratado sem qualquer respeito pelo verdadeiro património cultural do povo; ele eram as séries filmadas enaltecendo heróis ou «valores morais» característicos da exploração capitalista ou da dominação imperialista; ele eram o sensacionalismo gratuito e fútil na informação, e a cuidadosa censura a tudo o que, de longe ou de perto, pudesse chamar a atenção para os grandes problemas do nosso povo, isto é, afrouxar a mordida em que descansava o poder fascista. Na Imprensa procurava exercer-se uma acção paralela.

Toda esta máquina, bem fomecida, ao longo dos anos, de homens da confiança do regime, se destinava a manter a população num estado permanente de ignorância e a combater a organização e a força mobilizadora da classe operária e dos trabalhadores em geral, inclusive dos intelectuais, na luta contra o fascismo e o colonialismo, na luta pela Libertação, pela Democracia e pelo fim da exploração do homem pelo homem. Mas, aos microfones da rádio, nas redacções dos jornais, nos palcos dos teatros, até mesmo na televisão, havia antifascistas que se organizavam e que travavam uma luta quotidiana contra a

censura, procurando furar esse poderoso aparelho repressivo. É sabido que os comunistas estiveram sempre na primeira linha de todas as iniciativas que abriram brecha na máquina da anti-cultura e da desinformação fascista.

Foi graças à luta organizada dos intelectuais, dos artistas, dos profissionais da Imprensa progressistas, ao espírito de sacrifício de muitos militantes comunistas que nessa luta sempre se destacaram, que foi possível, ainda durante o fascismo, dar voz ao povo português, às suas manifestações criadoras, aos seus anseios de liberdade, de progresso e de uma vida melhor, através dos meios de comunicação. Foi graças a essa luta que o fascismo se viu obrigado a suportar a pública consagração dos maiores expoentes da cultura portuguesa, forçados na resistência antifascista, muitos deles também militantes comunistas.

Não admira que tenha sido sob o signo das canções revolucionárias — dessas canções que então ouvíamos ou cantávamos em privado nas nossas casas ou em jornadas políticas, que nos chegavam através da rádio clandestina, ou que, mercê do seu significado «nas entrelinhas», conseguiam mesmo passar as malhas da censura e surgiu abertamente à luz do dia — não admira, repetimos, que tenha sido sob o signo dessas canções que a voz do MFA pela primeira vez se fez ouvir na rádio, na madrugada do 25 de Abril. Como tantas outras manifestações dos nossos intelectuais e artistas progressistas, como tantas outras manifestações da nossa cultura popular, nelas se simbolizava e se simboliza o significado da luta histórica que hoje travamos na defesa da Libertade e da Democracia a caminho do socialismo.

E, pois, particularmente preocu-

pante que, estejamos a assistir nestes dias da vigência do estado de sítio, em meios de comunicação tão importantes como a rádio e a televisão, a recuperação de antigos padrões de gosto, à ressurreição de antigos estilos de trabalho característicos da rádio e da TV fascistas.

Referimo-nos concretamente à exclusão sistemática da programação das canções revolucionárias, à utilização maciça do chamado «nacional-cançonismo» e da música do imperialismo, às actividades e apelos de baixo estofos veiculados pela locução, à dosagem desbragada de material puramente alienatório e estupidificante.

Esta verificação é sinal do grave perigo que neste momento corre o processo revolucionário português: o aproveitamento pela reacção e pelo fascismo da recomposição político-militar consequente do golpe de 25 de Novembro, a absorção pelas forças da direita de todo o processo de renovação, de independência e de progresso. Os profissionais da informação, os intelectuais e artistas progressistas, os trabalhadores deste país saberão lutar, hoje como ontem, para que não se perca uma única das conquistas da revolução, e não consentirão que a sua voz, que já vem dos tempos da resistência antifascista, seja novamente silenciada ou perseguida nos órgãos de informação. A defesa da cultura — e em especial, duma cultura ligada ao povo — a defesa duma informação verdadeira, também ao serviço do povo — e em especial ao serviço as classes trabalhadoras — são conquistas fundamentais do 25 de Abril que não se podem perder, sob pena de se deixar minar um dos alicerces em que assenta a própria Revolução.

«O JORNAL» SEM MÁSCARA

Fazendo coro com a triste ilusão de todos os reacçãoários e fascistas notórios, que querem à viva força «ver» divisões dentro do nosso Partido, «O Jornal», semanário «independente», que arvora a denúncia em jornalismo, engana-se redondamente e pretende enganar os seus leitores com calúnias ridículas e afirmações fantasiosas ao serviço do anticomunismo

«O Jornal», semanário dirigido pelo sr. Joaquim Letria, no seu último número, o 31, denuncia às forças da repressão contra-revolucionária vários nomes de conhecidos democratas civis e militares, de lutadores antifascistas, que sempre estiveram na primeira linha de defesa da Revolução. «O Jornal» não apresenta provas, não ouviu ninguém. Aponta. Denuncia. Distribui responsabilidades e implicações a torto e a direito. «O Jornal» está acima de qualquer inquérito, de qualquer averiguação sobre o «golpe».

O semanário «independente» do sr. Letria deliberadamente faz o papel de «bufo». Dá nomes, dentro da melhor tradição dos informadores da PIDE.

Nem sequer tem a mínima contenção. Perde as maneiras. Não antepõe o «consta», o «segundo fontes» tão banal. Denuncia: «Aqui registou-se a intervenção de» Fulano... Cicrano «também esteve em Tancos a incentivar os paraquedistas em luta.» «O Jornal» sabe. «O Jornal» tem de saber. De outro modo não se vende.

O semanário dos «que escreveram as melhores páginas», etc., durante o fascismo, não se coíbe: aí vem Fulano que «marchava para lá à frente de dois mil homens!» O que «O Jornal» sabe mais ninguém esprieta. E continua a apontar nomes, a indicar locais, remetendo o «peso da derrota» e «as consequências inerentes na distribuição do novo poder» *principalmente* para o nosso Partido e para outras forças de esquerda.

Mas não se detém aí «O Jornal». Vem atrás. Vem à preparação do «golpe». Assim — escreve — *tentava-se lançar Fulano para o Comando do regimento de Beja e Cicrano para a Região Militar de Lisboa*. E, entretanto, vai semeando pelo meio a «linha gonçalvista», «as figuras mortas da 5.ª Divisão», as figuras mili-

tares que *apareciam no «Diário de Notícias», no dia 19...* o oficial que *merecia as centrais do último número de «Alavanca», jornal da Intersindical...* Tudo com datas, indicação das páginas, nomes, locais. «O Jornal» não faz jornalismo. Faz relatórios de polícia.

E para se tranquilizarem a si próprios e tranquilizarem aqueles dos seus leitores que são fascistas e reacçãoários, os redactores do semanário independente vão repescar algumas ridículas invenções e calúnias contra o nosso Partido.

Certamente republicano convicto, um desses redactores inventa, para o PCP «advogar», um «Socialismo vermelho e verde». Não vi-

ria daí mal nenhum, se isso não fosse um pretexto para a invenção divisionista e a má fé mais soez.

«O Jornal» inventa «comunistas da nova guarda», trata de tu cá tu lá «a linha europeia», cozinha a mixórdia que pretende servir à sua clientela em nome de um pretenso «aggiornamento» (actualização) no PCP. O ridículo não os assusta. E distribui cargos dentro do nosso Partido, tira uns, põe outros. Um é «duro», um tem esta linha, aquele outra. Mas quem há-de acreditar nestes rapazes das «melhores páginas» e tudo o mais?

No entanto, o objectivo deles é bem claro e preciso. Como lhes pagam para

isso, tratam de arvorar o seu anticomunismo em pacotilha «aggiornata», o que quereria dizer «em dia», actualizada. Como escrevem para gente fina de «aggiornamentos» dada à leitura da imprensa estrangeira, não vão dizer que os comunistas dão injeções na velhice triste e desprotegida.

Não vão dizer que os comunistas são capazes de transformar em camelo um redactor do «Jornal». Fazem melhor. *Querem vender à reacção «inteligente» («aggiornata») um Partido Comunista Português com divisões internas, com «linhas», cozido pela agulha anticomunista do «Jornal». Triste ilusão.*

OCUPAÇÕES SELVAGENS

As «ocupações selvagens», que certa imprensa não se cansa de noticiar, deturpando a realidade dos factos e chorando a infelicidade dos grandes latifundiários, foi objecto de discussão no Encontro Distrital das Organizações Populares Unitárias, efectuado em Santarém. No texto que a seguir transcrevemos e que mereceu a aprovação da Assembleia recordam-se o que foram e continuam a ser, nalguns casos, as verdadeiras *ocupações selvagens*.

Muito se tem falado de ocupações selvagens. A verdade, porém, é que personalidades políticas e militares dos mais variados matizes, que têm visitado não importa que zona rural do País onde tem havido ocupações de terras, que têm visitado não importa que cooperativa, que unidade colectiva, que exploração agrícola ocupada pelos trabalhadores, perante a realidade que se lhes depara, acabam por reconhecer que não há nada a que se possa chamar de «ocupação selvagem».

Mas já houve de facto ocupações selvagens. Selvagens eram as ocupações (por parte dos grandes agrários) quando os operários agrícolas, antes da sua heróica e vitoriosa luta pelo horário de oito horas no campo, aí por 1963, trabalhavam de sol a sol. Selvagens eram as ocupações dos ovinos no tempo em que os latifundiários mandavam dar a azeitona aos porcos (e não vão assim decorridos tantos anos que se não lembrem os operários agrícolas, que se não lembrem os camponeses pobres, que se não lembrem muitos outros trabalhadores, os quais muitas vezes não tinham um fio de azeite para a sopa ou uma mão-cheia de azeitonas para lhes servir de almoço com um naco de pão); selvagens eram as ocupações das terras deixadas incultas, sem que então se levantasse nenhuma das vozes que hoje se insurgem contra as «ocupações selvagens»; selvagens eram as ocupações das terras que os latifundiários, os grandes agrários, os industriais, os banqueiros, os capitalistas não importa de que quadrante, se apoderavam aos camponeses pobres como resgate de dívidas que muitas vezes os próprios capitalistas facilitavam ou fomentavam mesmo, jogando com a ingenuidade e com a honradez dos seus legítimos donos porque as trabalhavam; selvagens eram — e são ainda — aquelas ocupações de propriedades em que os seus possuidores as entregaram para arrotear há 30, há 50, há 90 anos, as quais foram desbravadas por avós, adubadas por filhos e cultivadas por netos, que aí ocuparam o melhor do seu suor e, por vezes, o mais amargo das suas lágrimas, terras pagas e repagas, mas que hoje continuam «ocupadas» de forma selvagem nas conservatórias do registo predial pelos filhos ou pelos netos dos antigos possuidores.

Mas contra o que se insurgem os denegridores e os falsos amigos dos trabalhadores, não é contra ocupações selvagens que não existem. Eles insurgem-se e contra a ocupação em si mesma. Para eles, a Reforma Agrária seria uma coisa que se decretava mas que se não cumpria, seria uma lei para mostrar ao turista. Mas os trabalhadores têm, e bem, procedido às ocupações. É que não há Reforma Agrária sem ocupações de terras.

ALVARO CUNHAL
desenhos da prisão



edições
dramas

CAMPANHA DE FUNDOS
LANÇAMENTO ESPECIAL DA EDITORIAL «AVANTE»
EM 5 DE DEZEMBRO

ALVARO CUNHAL
desenhos da prisão

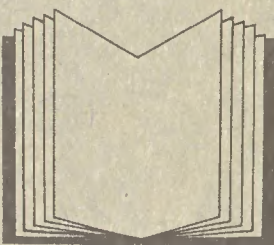
25 reproduções em papel RA de 125 gramas

Formato 50 × 35 cm de 25 desenhos a carvão ou lápis
apresentados em pasta de cartolina

Preço previsto: 300\$00 — Pedidos de reserva e encomenda à
Editorial «AVANTE!»
Av. Santos Dumont, 57-2.º
Lisboa 1

Edições «Avante!»

Nome
Morada
Telefone
Localidade
Desejo que me reservem o <i>Curso Básico do Comunismo Científico</i> — Envio a importância de 30\$00 em cheque/vale postal p/ pagamento do 1.º volume. — A venda nas livrarias e nos Centros de Trabalho do PCP Pedidos à Editorial «Avante!»



CURSO BÁSICO DO
COMUNISMO CIENTÍFICO

AO LEITOR

As Edições «Avante!» vêm apresentar ao público leitor português o primeiro volume do *Curso Básico do Comunismo Científico*, importante obra de formação teórica e de esclarecimento ideológico.

Este *Curso* reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras, e por outro o resultado concreto, *prático*, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o

OS TRABALHADORES AFIRMAM EM TODO O PAÍS A SUA CONFIANÇA REVOLUCIONÁRIA NO PCP

A vitalidade do Partido Comunista Português, a determinação e confiança dos muitos milhares de comunistas portugueses, a sua dedicação ilimitada à causa da Revolução e do Povo, ficaram amplamente demonstradas nos últimos dias. A vigilância constante, a realização de centenas de sessões de esclarecimento mostram bem a força combativa da classe operária e da sua vanguarda — o PCP

A nota da Comissão Política do Comité Central do nosso Partido emitida na noite de 25 de Novembro apontava a todos os militantes do PCP a necessidade de manter a actividade regular de todas as organizações. Era uma indicação aparentemente superflua, mas indispensável face às dificuldades resultantes das limitações impostas pelo estado de sítio na região de Lisboa e à onda de boatos alarmantes e provocatórios difundidos pela reacção. Basta lembrar que o «Avante!» só pôde ser editado e distribuído no domingo.

O aparelho do Partido, nessas condições especiais, teve de responder em escala nacional às

exigências ditadas pela necessidade de realizar com a maior urgência um profundo trabalho de esclarecimento junto dos seus militantes. Era preciso, numa palavra, levar a voz do Partido às suas bases, responder a complexas questões suscitadas pelos últimos acontecimentos, desfazer eventuais dúvidas, reafirmar a justeza da linha do Partido, pulverizar com factos boatos e calúnias, mobilizar para as tarefas imediatas de defesa das conquistas da Revolução os militantes comunistas.

Os comunistas demonstraram a sua tempera ao longo de meio século de fascismo.

O nosso Partido, muito embora observando as restrições às

liberdades impostas na região de Lisboa, deu nos últimos dias uma extraordinária demonstração da sua força, da sua vitalidade, da confiança que une as bases à direcção e da certeza que anima todos os militantes quanto ao desfecho final do processo revolucionário em curso.

De Norte a Sul — com a excepção já apontada — realizaram-se centenas de reuniões de quadros, de encontros para informação e debate com militantes das organizações e também sessões de esclarecimento abertas a simpatizantes e ao público em geral.

Tiveram, evidentemente, características muito diferentes essas reuniões. Nos encontros

milhares de militantes assistiram a reuniões promovidas em Avis, Portalegre, Campo Maior, Vendas Novas, Montemor-o-Novo, Mora, Montoito, etc. Uma das mais importantes e concorridas realizou-se no Couço, fortaleza comunista no Sul do Ribatejo, onde o camarada Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado, fez uma longa análise da situação política, do significado dos últimos acontecimentos e apontou as novas tarefas que se colocam aos militantes comunistas. Em numerosas herdades colectivizadas houve igualmente sessões de esclarecimento à que, além de camaradas nossos, as-

etc. Destacaram-se as reuniões realizadas em Aljustrel, Ervidel, Baleizão, Serpa, Vale de Vargo e Ferreira do Alentejo.

Simultaneamente, no sábado e domingo, houve sessões de esclarecimento públicas em Beja (1200 pessoas), Pias (800 pessoas), Moura (500 pessoas) e Cabeça Gorda (300 pessoas), com a participação dos camaradas Miguel Urbano Rodrigues e Belchior. A atmosfera foi, compreensivelmente, diferente. A Beja vermelha, as vilas e aldeias da Margem Esquerda transformaram essas iniciativas do nosso Partido em manifestações de fé revolucionária, de fé comunista. Apesar da chuva e do frio, as salas encheram-se a transbordar. Não apareceu mais gente porque não cabia nos recintos. Em todas essas sessões, sem que os militantes e simpatizantes esquecessem a gravidade do momento e a dificuldade das tarefas que lhes são exigidas, reviveu-se o clima de vibração dos grandes comícios de Abril. A fidelidade à linha do Partido traduziu-se em prolongadas e calorosas ovações, em palavras de ordem revolucionárias, na certeza da vitória final, na confiança inabalável na direcção do Partido e das suas organizações. A Reforma Agrária foi, em todas essas sessões, um dos temas mais debatidos. Pode afirmar-se que todas elas, de sessões de esclarecimento se transformaram em verdadeiras sessões de trabalho, não obstante a atmosfera especial em que decorreram. Ficou muito claro que os trabalhadores agrícolas do distrito de Beja estão dispostos a defender e a ampliar todas as conquistas da Reforma Agrária nas herdades colectivizadas, a reforçar a aliança com os pequenos e médios agricultores, a aproveitar todas as possibilidades oferecidas pelo Crédito Agrícola de Emergência, a criar condições para que investimentos indispensáveis para o equipamento das terras colectivizadas contribuam para o reforço da íntima cooperação entre os trabalhadores que constroem a Reforma Agrária e o operariado revolucionário das empresas nacionalizadas, que produzem máquinas agrícolas, adubos, cimento, etc.

Iniciativas pioneiras dos trabalhadores de Pias — velho baluarte do PCP — foram discutidas e aplaudidas como exemplares, com destaque para a montagem de uma cooperativa para venda

dos produtos das herdades e abastecimento de tudo o que a população necessita, e para a solidariedade dos membros das terras colectivizadas com os pequenos proprietários. Os resultados de tais iniciativas mostram-se decisivos para o reforço da unidade e a eliminação dos vícios do sectarismo. Hoje, em Pias, quase metade dos comerciantes locais aderiram à cooperativa citada, cujas instalações, quase prontas, são tão amplas como as de um grande supermercado moderno em Lisboa.

Igualmente belo foi o esforço que tornou possível a ajuda aos pequenos agricultores que haviam formado uma cooperativa juntando courelas próximas da aldeia. Ao todo a área somava umas escassas dezenas de hectares. O malogro era inevitável. Mas os trabalhadores das herdades colectivizadas cederam algumas centenas de hectares aos pequenos proprietários — ou, mais exactamente, ocuparam-nos para eles — e, indo mais longe na sua solidariedade, ajudaram-nos a lavar e semear as terras com o seu trabalho e as suas máquinas.

Experiências como essas justificam a serena confiança dos nossos camaradas na orientação do Partido, nas suas palavras de ordem, na certeza de que a Revolução será exemplarmente defendida no Alentejo.

Não faltou na sessão de Beja a nota da solidariedade fraterna entre comunistas, o calor do internacionalismo proletário. Ao saber que estava presente o enviado especial de «L'Humanité», órgão central do PCF, a assistência, de pé, aclamou prolongadamente o partido irmão de França, pela sua permanente solidariedade ao nosso Partido e às forças progressistas da Revolução Portuguesa.

Tanto a edição especial de «O Camponês», como a edição de domingo do «Avante!», esgotaram-se rapidamente em todo o distrito de Beja.

SESSÕES DIÁRIAS EM COIMBRA

Em Coimbra, no Centro de Trabalho do Partido Comunista Português realizaram-se, desde o dia 25, sessões diárias de esclarecimento, com a presença de elevado número de militantes. Camaradas da Direcção da Organização Regional das Beiras orientaram estas sessões de esclarecimento a que, diaria-

mente, assistiram centenas e centenas de militantes comunistas.

A Direcção da Organização Regional das Beiras do nosso Partido realizou ainda sessões de esclarecimento sobre a crise político-militar que o nosso País vive, na Figueira da Foz, nos dias 25 e 26.

Em Aveiro e na Covilhã, as sessões de esclarecimento realizadas nos respectivos Centros de Trabalho do PCP foram igualmente diárias, nas participando elevado número de militantes do nosso Partido.

Também na região de Coimbra, há que salientar a extraordinária receptividade, por parte da população, à informação proveniente do Partido, nomeadamente o grande acolhimento dispensado à edição do «Avante!» do dia 30 de Novembro.



...e participaram em centenas de sessões de esclarecimento que o nosso Partido realizou em muitas localidades

NO ALGARVE

Por iniciativa da Comissão Distrital de Faro do nosso Partido, os dias da semana passada foram preenchidos com sessões de esclarecimento em todos os concelhos algarvios. Nos concelhos de Faro, Portimão e Silves, as sessões de esclarecimento foram diárias.

Nos outros concelhos, Lagos, Albufeira, Loulé, Vila Real, Aljezur, Olhão, S. Brás, Tavira, Monchique, Lagoa, Vila do Bispo e Alcoutim, realizaram-se igualmente sessões, com a participação de camaradas da Comis-

DONATIVO DE BANCÁRIOS

Os trabalhadores progressistas da filial do Porto, do Banco de Portugal, aquando do recebimento da comparticipação nos lucros do banco referentes ao ano de 1974, ofereceram ao nosso Partido a quantia de 23 890\$00.

RAJADA DE METRALHADORA CONTRA O CT DE GUIMARÃES

A reacção fascista não desiste e continua impune a praticar os mais variados desmandos, disparando desta vez uma rajada de metralhadora contra o Centro de Trabalho de Guimarães

Na madrugada do passado dia 27 pelas cinco horas, foi disparada uma rajada de metralhadora contra o Centro de Trabalho do nosso Partido, em Guimarães.

A propósito de mais este acto terrorista que demonstra a verdadeira cara do fascismo, que tenta reconquistar impune as posições perdidas, a Comissão Concelhia de Guimarães do PCP distribuiu um documento em que, a dado passo, refere: «este atentado criminoso enquadra-se na vaga de terrorismo a que se vem assistindo desde tempos contra as forças políticas progressistas, sindicatos e dirigentes sindicais, de que o mais recente exemplo é o assassinato a tiro de um activista do Sindicato dos Operários Vidreiros do Porto».

E mais adiante: «Quando na Imprensa dita livre e democrática se publicam entrevistas com chefes de movimentos fascistas, como é o caso da entrevista do famigerado Alpoim Galvão; quando fascistas e outros conspiradores do ELP e reacçãoários continuam a conspirar livremente dentro do país; quando elementos responsáveis de partidos políticos vêm mentir ao povo, desenvolvendo campanhas de difamação e ódio contra o Partido Comunista Português e organizações de trabalhadores e preparam o campo à acção dos terroristas fascistas; quando esses mesmos dirigentes políticos se servem do terrorismo para explicar um pretenso descontentamento popular contra as forças progressistas, condenando ao mesmo tempo as reais manifestações de descontentamento dos trabalhadores, é justo concluir-se que o terrorismo só tem prosseguido devido à passividade e até encorajamento que grupos reacçãoários têm encontrado por parte de autoridades e na acção de certos partidos políticos».

Para terminar, frisa a Comissão Concelhia de Guimarães: «O prosseguimento das acções terroristas pretendendo lançar a intimidação e o terror sobre as populações, propiciando as provocações à guerra civil, servem ainda para criar um clima de insegurança que facilite às forças de direita orientar a repressão sobre as classes trabalhadoras».

A Comissão Concelhia de Guimarães do Partido Comunista Português dirige um apelo à população do concelho e a todos os trabalhadores para exigir das autoridades responsáveis o firme combate à violência terrorista e para estarem vigilantes na defesa da segurança e das liberdades que é necessário manter em Guimarães.»

reservados a quadros, as intervenções feitas foram executadas em profundo silêncio, numa clara demonstração de que a firmeza revolucionária não exclui, antes reforça, a noção dos perigos que hoje ameaçam a democracia em liberdade.

Nos distritos onde a Reforma Agrária avançou muito e os trabalhadores agrícolas realizaram grandes conquistas que precisam ser defendidas, a actividade das organizações do Partido foi particularmente intensa. Muitos

sistiram simpatizantes do nosso Partido.

DEFESA DA REFORMA AGRÁRIA

No distrito de Beja, a DORAA promoveu dezenas de sessões para quadros, com a participação dos camaradas João Honrado, Belchior, Narciso, Serafim,

FUNERAL DO OPERÁRIO ASSASSINADO

Por cada um que tomba, dez novos se levantam. Curvemos as nossas bandeiras vermelhas em honra do operário vidreiro assassinado e saibamos erguer bem alto o seu exemplo de comunista

«Até mortos vão ao nosso lado» — têm cantado os comunistas ao longo da história, da resistência nacional. Assim foi de novo, na passada sexta-feira durante o funeral do operário vidreiro e militante do nosso Partido, António Almeida e Silva, de 25 anos, delegado sindical, assassinado à porta do seu sindicato pelas balas de fascistas, que se transportavam no carro CA-45-76. O criminoso atentado ocorreu na madrugada de quarta-feira, no Porto, depois de toda a espécie de provocações por parte dum bando de cadastrados ao serviço da reacção.

O cortejo fúnebre saiu do Instituto de Medicina Legal, com grande acompanhamento que naquele fim de tarde congestionou o trânsito na baixa citadina. Uma densa multidão de trabalhadores deram não só uma prova de pesar pela perda da vida de um lutador da classe operária, como uma resposta de unidade revolucionária, porque este país está vivo, porque este era, entre muitos, «um operário em

construção», e na edificação da democracia e do socialismo há sempre quem faça do seu corpo uma muralha, quem faça do seu sangue uma bandeira, quem depois de morto continue a meter medo aos que o mataram.

A umas centenas de metros do cemitério começou a chover. Mas ninguém arredou pé. Alguns resguardavam-se com as dezenas de coroadas de flores — dos cravos vermelhos deste revolução já por tantos traida mas que há-de vingar. A população vinha às portas e janelas, e em todos os rostos havia a mágoa de um pedaço de esperança que ia ser enterrada. Eram trabalhadores, intelectuais, mulheres e crianças — um desfile de saudade por um filho do povo, e de revolta contra os assassinos. Já noite, entre os passos da multidão, o ruído da chuva, o silêncio das lágrimas, a força das bandeiras. Na igreja, uma breve cerimónia religiosa em que o padre de Oliveira do Douro proferiu algumas palavras: «Lamento sinceramente esta morte e apresento as minhas mais

sentidas condolências à família, a todos os seus colegas e amigos».

Enão, a urna, envolvida pela bandeira do Sindicato dos Operários Vidreiros, foi levada para o cemitério ao lado, enquanto o sino dobrava um último adeus por um homem, um operário, um português caído para que com a lição da sua morte as massas exploradas aprendam quais são os seus inimigos.

Antes do corpo descer à terra falaram Álvaro Sousa, da Comissão Distrital do PCP, Cerveira Pinto, do Secretariado da USP e dois camaradas de trabalho, um da direcção do sindicato e outro da Comissão de Trabalhadores, que exaltaram a combatividade de mais esta vítima do fascismo e do capitalismo, lembrando que com estes crimes a reacção pretende atemorizar a classe operária e todos os oprimidos, inserindo-se nestes atentados num conjunto de acções, conduzidas a diversos níveis (civis e militares, legais e clandestinos) visando o mesmo fim — fazer retroceder a revolução em curso, acabar com as conquistas democráticas já adquiridas.

«Saibamos honrar com a nossa acção e firmeza aqueles que choramos e que a sua memória seja incentivo para prosseguirmos em frente até ao dia em que os homens como o Silva sejam os nossos heróis vivos e não os nossos heróis mortos» — assim formulou os seus votos um seu camarada da comissão de trabalhadores.

Punhos cerrados, entre campas, cruzes, lanternas e crisântemos, soluços de familiares, lágrimas na multidão — uma angústia dos que sabem que nenhuma revolução se ganha sem dor, que a liberdade tem um preço, mas que nenhuma vida se perde quando se morre conscientemente como o António Silva: mais um operário, mais um sindicalista, mais um comunista a mostrar quem está disposto a tudo oferecer hoje ao povo para que o povo amanhã seja feliz. Não é por acaso que os comunistas são assassinados: é que eles são os melhores amigos do povo e os maiores inimigos de todos os fascistas e contra revolucionários, de todos os exploradores, de todos os que não querem que o nosso povo seja senhor do seu país e do seu destino.

Muitos ficaram no caminho. A história do nosso Partido e do nosso povo faz-se com o seu sangue, com o sacrifício de todos nós. Uma certeza nos guia — «De todas as sementes confiadas à terra, é o sangue derramado pelos mártires que faz levantar as mais copiosas searas».

O SANGUE DOS MORTOS É UMA BANDEIRA

Os que tombaram na luta são os primeiros a seguir de pé ao nosso lado. Cândido Capilé, assassinado pelas balas fascistas há 14 anos, é um exemplo da devoção dos comunistas à causa da Revolução, à causa do nosso povo

Vítima da repressão fascista do regime de Salazar, foi assassinado há catorze anos o operário corticeiro Cândido Martins Capilé, militante comunista.

Com dor que recordamos a sua morte, mas também com orgulho. Porque Cândido Capilé morreu na luta contra o fascismo, contra a opressão e exploração, mãos dadas com milhares de trabalhadores seus irmãos gritando na rua o direito à liberdade.

Foi em Almada, a 11 de Novembro de 1961, quando participava com largos milhares de trabalhadores numa manifestação de protesto contra a prisão, realizada na véspera, de vários camaradas de trabalho. Incapazes de deter a

corrente humana que invadia as ruas gritando «Liberdade», «Abaixo Salazar e a tirania», etc., forças conjuntas da PIDE, GNR e PSP dispararam rajadas de metralhadora contra as massas populares quando a manifestação se aproximava da Academia Almadense.

Contra as balas assassinas o povo só dispunha de pedras e da força da sua razão. Muitos ficaram feridos. Cândido Capilé morreu.

Sabedores que a força da metralha, intimidando embora, não basta para paralisar ou sustar o espírito de luta das massas trabalhadoras, os assassinos não hesitaram em roubar o corpo do jovem mártir à família, enterrando-o às escondidas no cemitério de Benfi-

ca. As dezenas de milhares de pessoas que no dia fixado para o enterro se juntaram em Almada, malgrado o enorme aparato de guerra montado pelas forças repressivas, veio confirmar de forma inequívoca esse espírito de luta.

Com efeito, o dia 14 de Novembro de 1961 ficou marcado como uma grandiosa jornada de luta do povo de Almada e dos mais variados pontos da margem sul. Desejavam prestar a derradeira homenagem ao companheiro morto, manifestando o seu mais vivo repúdio pelos carrascos do povo. Sem armas na mão. Foram atacados. Resistiram. A luta continuou. Ali e por todo o país, durante muitos anos.



INAUGURAÇÃO MOBILIZADORA DO CENTRO DE TRABALHO DE BENFICA

Em Benfica, inaugurou-se mais um Centro de Trabalho do nosso Partido

Assim, no passado dia 23, domingo, à inauguração do Centro de Trabalho de Benfica, assistiram cerca de duas mil pessoas reunidas na Escola Pedro de Santarém onde se realizaram os festejos.

O aparecimento inesperado do camarada Álvaro Cunhal, no comício inaugural, foi acolhido com vibrante entusiasmo, tendo o camarada Secretário-geral do nosso Partido analisado a situação política actual.

Neste comício presidido pelo camarada José Magro do CC, ladeado pelos ca-

maradas Joaquim Ramos do Comité Local de Lisboa, Manuel Pedro e Georgette Ferreira do CC, usou da palavra ainda a camarada Alda Nogueira, membro do Comité Central, sobre a importância dos centros de trabalho.

Os festejos da inauguração do Centro de Trabalho de Benfica foram anilados pela presença do nosso camarada José Viana que contribuiu para que esta jornada de firmeza revolucionária constituísse, simultaneamente, um momento de fraternal convívio.

Os centros do nosso Partido surgem por toda a parte como produto do esforço dos nossos camaradas e da sua determinação revolucionária. Nas zonas cuja composição é essencialmente constituída por trabalhadores, a abertura de cada centro de trabalho é ocasião para uma forte mobilização das massas populares que saúdam nos centros a presença constante do Partido, vanguarda da classe operária e de outros trabalhadores na sua organização para as tarefas revolucionárias.

UMA PROVOCAÇÃO CONTRA A REFORMA AGRÁRIA

Uma centena de fascistas e marginais sob a direcção de um conhecido contrabandista assaltou no dia 24 uma herdade colectivizada de Odemira. O comportamento heróico dos trabalhadores do Roncao e a solidariedade de todos os seus companheiros de todo o Distrito derrotou a manobra reaccionária. Os comunistas cumpriram exemplarmente as suas tarefas

Os trabalhadores alentejanos deram na última semana uma resposta revolucionária a uma das mais graves provocações organizadas até agora pela reacção no Distrito de Beja — uma provocação que poderia, se houvesse atingido o seu objectivo, ter assinado o início de uma ofensiva geral contra a Reforma Agrária.

A herdade do Roncão, no concelho de Odemira, foi o alvo escolhido por elementos fascistas para uma série de agressões e actos de puro banditismo que se verificaram na véspera dos dramáticos acontecimentos do 25 de Novembro.

A herdade fora colocada sob administração dos trabalhadores no sábado, dia 22. Tudo ocorreu, então, normalmente, não se registando resistência pois a iniciativa tinha cobertura nas disposições legais. Somente pelo facto de Odemira ser um dos concelhos do Distrito onde a a Reforma Agrária avançou mais lentamente pela própria necessidade de esclarecer os pequenos agricultores (numerosos na região) e conquistar o seu apoio, a transferência das grandes herdades para as mãos dos trabalhadores tardara tanto tempo. Não se esperava, assim, uma provocação de tamanha amplitude no caso do Roncão, cuja nova situação seria legalizada no dia 24, de acordo com as disposições da Reforma Agrária.

O ASSALTO

No próprio sábado, entretanto, verificou-se um «incidente» muito estranho. Os trabalhadores apreenderam uma camioneta que entrara, sem autorização, na herdade. Um grupo de indivíduos tentava roubar gado. No dia seguinte o Roncão foi assaltado por um bando de cerca de cem homens, arrematado pelo gangster Vital Furtado, conhecido no Algarve pela alcunha do «rei do contrabando». O grupo de agressores apareceu em camiões M3, furgonetas e um jeep. Exibiam pistolas, caçadeiras e algumas granadas. A maneira como esses elementos agiram deixou transparecer que alguns pelo menos tinham experiência militar. Os camiões apresentavam fardos de palha a servir de para-choques e havia toldos a cobrir atiradores escondidos. O cerco às instalações da herdade foi montado rapidamente. Homens armados ocuparam todos os pontos altos, enquanto outros, equipados com megafones e pequenos aparelhos de transmissão comunicavam entre si. Os chefes dispunham de armas automáticas.

No Roncão encontravam-se, na altura, apenas 7 trabalhadores. Mas não se intimidaram. Ameaçados de morte, espancados, insultados, resistiram com a maior coragem. Numa demonstração clara de que estavam dispostos a derramar sangue, os assaltantes dispararam vários tiros, um dos quais feriu, embora sem gravidade, Victor Picarra. Outros trabalhadores que chegaram, atraídos pelo tiroteio e pelo aparato do cerco, foram também espancados. Merece uma referência especial pela firmeza e pela serenidade com que enfrentou a agressão e pela coragem como, sem armas, se bateu contra dezenas de agressores, o nosso camarada Fernando Barradas, cuja atitude, segundo os seus companheiros, foi decisiva para a organização da resistência.

Em condições tão desfavoráveis. Os defensores, depois de dominados pela violência, foram fechados num palheiro. Alguns dos assaltantes tentaram arrancar-lhes as roupas. Pretendiam divertir-se. Queriam que os trabalhadores corressem nus pelas terras do Roncão. A esse ponto chegou a arrogância criminosa dos marginais e fascistas que cumpriam ordens de Vital Furtado. Quando compreenderam que os trabalhadores do Roncão estavam dispostos a defender a dignidade com sacrifício das próprias vidas, se necessário, os agressores meteram-nos nos camiões e tomaram o caminho de São Luís. Ai, já amedrontados pela certeza de que trabalhadores de Beja vinham a caminho para libertar os seus camaradas, estabelecer a administração operária no Roncão e castigar a escória fascista comandada por Vital Furtado, começaram a debandar. A resposta do Alentejo revolucionário, a resposta solidária daqueles que estão construindo a Reforma Agrária apavorou a tal ponto o bando de provocadores que, muitos, não conseguiram fugir. Apesar das suas armas automáticas, vários entregaram-se sem resistência, e confessaram, tremendo, que haviam sido contratados ou aliçados para o ataque criminoso.

QUEM É VITAL FURTADO

Um automóvel Peugeot 404, cinzento claro, BI-35-69, funcionou durante o assalto como comando móvel. Era nele que viajava o chefe militar da «operação», a quem os outros ocupantes, com modos e tipo de mercenários, chamavam capitão. Foi esse indivíduo quem dirigiu os espacamentos. O assalto parece ter contado também com o apoio de um barco suspeito que subia, na altura, o rio Mira e que poderia servir para transportar armas ou fazer desaparecer prisioneiros.

A chegada a São Luís e ao Roncão das centenas de trabalhadores vindos de Beja, de Ajustrel, de Ervidel e de freguesias próximas foi saudada com extraordinário entusiasmo e deu lugar a comovidas cenas de confraternização revolucionária.

Antes de desaparecer, o gangster Vital Furtado, tentou em São Luís apresentar-se como moderado, como um «amigo dos trabalhadores» e um adversário da violência. Não enganou ninguém. No momento anda a monte e foi emitido um mandato de captura contra ele. Só é de estranhar que essa medida legal não tenha sido tomada há mais tempo e que a TV não tenha ainda exibido uma fotografia sua. Em Sagres e Vila do Bispo não há um trabalhador que não conheça a crónica desse perigoso aventureiro fascista. Há anos que, de parceria com outros sócios, domina o negócio do contrabando desde a Meia Praia, em Lagos, até Sines. É um negócio que envolve milhões de dólares e que mobiliza os serviços de centenas de marginais. As leis que regem esse sub mundo de criminosos são semelhantes às da Mafia italiana.

Em recente reportagem, «O Século» descreveu com pormenores as formas de actuação de Vital e dos sócios, revelando que as actividades ligadas ao contrabando haviam, a partir do 25 de Abril, sofrido importantes mudanças. Em Sagres e Vila do Bispo afirmam-se, por exemplo, que algumas das mais destacadas individualidades fascistas que conseguiram sair legalmente de Portugal só puderam fazê-lo graças à ajuda recebida do gangster Vital Furtado, que estaria também implicado no tráfico de armas destinadas a organizações terroristas como o ELP e o MDLP.

É esse figurão fascista, protegido de ministros de Caetano, responsável por incontáveis roubos e crimes, que aparece agora, no dia 24 de Novembro, a dirigir pessoalmente uma provocação contra a Reforma Agrária. O ataque ao Roncão teve comando militar, foi executado por quadros com preparação militar, e parte do bando de assaltantes foi recrutado por agentes de Vital Furtado entre a pior escória humana — ex ANP, ex-legionários, contrabandistas, criminosos comuns, etc — de Lagos, Vila do Bispo, Monchique, Cercal, São Luís, Colos, Almogrove, Zambujeira, e Vila Nova de Milfontes.

Tudo foi municiamente planeado. Existe aliás a convicção, face ao tipo de negócios de Vital Furtado, que alguns dos fios da trama montada contra o Roncão se perdem no estrangeiro. O ataque ao Roncão era apenas um ensaio, uma experiência para voos mais altos, para uma sucessão de assaltos criminosos a herdades colectivizadas. Expulsar os trabalhadores, espancá-los, abalar a sua confiança, derramar sangue quando necessário para atingir os fins visados — tudo isso fazia parte ambiciosa provocação intimidatória. Vital Furtado, tudo indica, é um testa de ferro. Um simples agente da contra-revolução.

Dos trabalhadores feridos, o que se encontra em estado mais grave é Manuel António, atingido nos rins. A saúde de Manuel Pacheco também inspira preocupações. O nosso camarada Fernando Barradas e Augusto Laranjeira apresentam contusões generalizadas.

FASCISTAS E MARGINAIS PRESOS

A lista dos assaltantes presos graças à solidariedade dos trabalhadores que acorreram em socorro dos seus camaradas é ainda incompleta. Mas foram já entregues às forças militarizadas os seguintes elementos que participaram na invasão da herdade e nas agressões já citadas: Jaime Amaro, vendedor da Ford; Fernando Silvestre da Encarnação, ex-capitão; Humberto da Encarnação; Emídio da Assumpção Gabriel, solicitador; Fernando Gonçalves Loução e José Gonçalves Loução; Fernando Loução, filho do feitor da herdade do Touril, arrendada por Vital Furtado; Amílcar Jesus da Conceição e seu cunhado Lino, ambos de Almogrove; Analfido Ganhão; Emídio Marreiros Matos Silva; António Luís; Dimas Manuel; Idálio; e o latifundiário Mário Costa, do Cercal.

ASSALTANTES A MONTE

Entre os assaltantes identificados, mas que conseguiram escapar e estão sendo procurados contam-se os seguintes: António de Jesus Prado, que fugiu juntamente com Vital Furtado; António Ferreira Botelho, filho do dono do Bracial; Leonel Carvalho, gerente da firma Costa & Silva; Aníbal Clemente Marques, elemento provocador da Liga dos Pequenos Agricultores de Odemira; Joaquim Bailador, da Longueira; Júlio Soares, de Odemira e Joaquim Alvino, de Vale Meados.

Os elementos de identificação, em muitos casos, são ainda insuficientes. Mas torna-se já claro que o bando formado por Vital Furtado era uma mistura de marginais, comerciantes e proprietários reaccionários, latifundiários, agitadores fascistas e elementos com larga experiência no manejo de armas.

Toda essa escória esperava obter em Odemira uma vitória fácil. Em poucas horas contudo o bando foi derrotado. Pela firmeza dos

trabalhadores, pelo espírito de solidariedade que une hoje todos quantos nas herdades colectivizadas levam avante a Reforma Agrária, pela vontade revolucionária do Alentejo revolucionário.

A derrota infligida aos provocadores tem um grande significado político. Foi uma derrota da reacção, foi uma vitória das forças revolucionárias. Os militantes do nosso Partido desempenharam nessa jornada do Roncão um papel

muito destacado. Lutaram com a bravura e a tenacidade com que lutam sempre os comunistas. Em defesa da Reforma Agrária e em defesa da Revolução. Como o camarada Fernando Barradas, cujo comportamento heróico se tornou nos dias seguintes o tema obrigatório dos comentários feitos sobre o assalto ao Roncão em todas as herdades colectivizadas do Distrito desde Moura a Odemira, de Mértola a Ferreira.

No intervalo da apanha da azeitona, no descanso da faina das últimas sementeiras os trabalhadores do Alentejo que estão construindo a Reforma Agrária com as suas mãos extraíram dos acontecimentos a sua lição principal. defender a Reforma Agrária contra as investidas da reacção fascista é consolidar a Revolução, é transformar em actos as palavras de ordem do PCP, vanguarda revolucionária da classe operária.



O OPERÁRIO TÊXTIL EM LUTA

Na luta pelo direito ao trabalho os operários da indústria têxtil avançam na resolução de alguns dos problemas que afectam aquele sector em crise

O fantasma do desemprego continua a ser o espectro com que as entidades patronais procuram intimidar as classes trabalhadoras para poderem prosseguir a exploração desenfreada que desde sempre lhes permitiu obter chorudos lucros.

É o caso, por exemplo, do que tem vindo a suceder na indústria têxtil onde, jogando com problemas reais existentes no sector — problemas esses de que são os únicos responsáveis — as entidades patronais têm recorrido a todos os subterfúgios para negarem aos trabalhadores as regalias conquistadas e o que por lei lhes é devido. As ameaças de despedimentos e de declaração de falência têm sido uma constante. Mostrando como a unidade, coesão e consciência das massas trabalhadoras são factores fundamentais na luta contra a exploração capitalista, muitos são os casos de empresas têxteis que

soberaram dizer não às manobras do patronato. «COMAPA» e «SOUABREU» são exemplos da luta do operário têxtil.

«COMAPA» COOPERATIVA DE PRODUÇÃO

Após uma longa luta de dez meses, e esgotadas que foram todas as hipóteses de diálogo, os trabalhadores da antiga «Fábrica 9 de Julho», actual COMAPA — Cooperativa Agrária de Produção de Malhas e Passamanarias do Porto, viram-se obrigados a ocupar as instalações e a assumir a direcção da empresa como única forma de garantir a continuação do seu trabalho.

As razões que levaram ao de-

sencenear desta luta dizem por si da justiça da mesma: o salário mínimo nunca passou de uma promessa, os trabalhadores ganhavam 55\$000 a 80\$000 os patrões (pai e dois filhos) viviam «à grande» e no estrangeiro, desde há muito tempo o sector de malhas, uma secção modernamente equipada, nada produzia e os patrões tudo fizeram para levar a empresa à falência.

Por tudo isto e por muitas outras razões que poderiam ser apontadas aos trabalhadores da actual COMAPA decidiram, por unanimidade, ocupar as instalações da empresa no dia 4 de Março, entrando em auto-gestão. Em Assembleia Geral realizada a 5 de Maio, para discussão da forma de organização a adoptar, foi decidido que a fábrica se transformaria em Cooperativa de Produção, o que veio abrir novas perspectivas para o futuro.

Com a sua situação completamente legalizada, a nova cooperativa de imediato se preocupou em resolver alguns dos problemas mais candentes. Assim, o total aproveitamento dos meios técnicos, a planificação e incentivação do trabalho da secção de malhas, foi uma das primeiras tarefas a levar a cabo. A reconversão da secção de passamanarias é uma hipótese em estudo.

Consciente da força da unidade a COMAPA ligou-se à Intertêxtil, organização que está a ser estruturada dentro da Federação das Cooperativas.

De imediato, os operários da COMAPA asseguraram o seu direito ao trabalho. O futuro, estão a construí-lo com as próprias mãos.

«SOUABREU» AUTO-GESTÃO, FASE TRANSITÓRIA

Situada em Guimarães, a SOUABREU vive há treze meses em auto-gestão, como consequência duma decisão tomada colectivamente pelos trabalhadores da empresa no próprio dia em que a entidade patronal os informou de que ia encerrar as suas instalações. Os operários deveriam considerar-se, a partir desse dia, todos despedidos não lhes sendo pagas quaisquer indemnizações nem as diferenças de salários em atraso, dado que nunca haviam recebido o salário mínimo nacional.

Ao anunciar, a 11 de Setembro de 1974, que a fábrica ia ser encerrada, a entidade patronal alegava falência. Também logo após o 25 de Abril, aquando da institucionalização do salário mínimo nacional, a mesma entidade afirmou aos trabalhadores não ter possibilidades, de momento, de proceder ao aumento.

Paralelamente, a referida entidade, sem que os trabalhadores tivessem conhecimento disso, estava a construir uma nova fábrica em Moreira de Cónegos. Para essa nova fábrica retirou da SOUABREU, durante o período de férias, parte dos stocks e do fôr-

bem como diversas máquinas mais novas — a melhor máquina de costura, uma encanteadeira nova, um compressor, diverso material importante e indispensável de seralharia, etc.

Colocados perante esta situação os trabalhadores, após consultarem o Sindicato e contarem com o seu apoio, decidiram ocupar a empresa, que está a ser administrada desde essa data por uma Comissão de Trabalhadores eleita em Assembleia Geral.

Muitos têm sido os problemas a resolver. De início não havia dinheiro para comprar a ajuda dos trabalhadores de outras empresas têxteis de Guimarães e Evoram permitiu resolver essa carência. Muitas outras dificuldades surgiram e se mantêm ainda, nomeadamente no que respeita à venda dos produtos, bem como ao total aproveitamento da maquinaria existente.

Apesar dos graves problemas com que se debatem, se se perguntar aos trabalhadores que ganharam eles com a sua luta, a resposta é pronta: em primeiro lugar, garantiram a continuidade do seu emprego; depois, provaram que a fábrica pode produzir e até dar lucro, pois que inicialmente os salários oscilavam entre 1 500\$00 e 1 700\$00 e hoje são de 3 300\$00 para todos. A situação de auto-gestão que se vive na SOUABREU é encarada como uma fase transitória, sendo desejo dos trabalhadores a sua transformação em Cooperativa de Produção.

Os trabalhadores têxteis estão firmemente decididos a colocar as empresas em que trabalham ao serviço da economia nacional, ao serviço do povo português, numa grande batalha para encontrar as formas de organização revolucionária capazes de fazer frente aos principais problemas de sector, de modo a garantir o emprego e o desenvolvimento da indústria têxtil — passos decisivos na grande batalha da produção, para a construção de um Portugal democrático, rumo ao socialismo. Disso estão verdadeiramente significativos os exemplos que nos são dados pelos trabalhadores da «SOUABREU» e da «COMAPA».

MINEIROS DE S. DOMINGOS ORGANIZAM-SE

Unidos e organizados, os trabalhadores marcham rumo à vitória final

A Comissão de Moradores da Mina de S. Domingos, no Baixo Alentejo, encontra-se empenhada numa acção de mobilização da população mineira, durante anos e anos explorada pelo capitalismo inglês, dono e senhor dos seus destinos em virtude da política de tração nacional do regime fascista que, ao capitalismo internacional, vendia a nossa terra e a mão-de-obra portuguesa.

A Comissão de Moradores da Mina de S. Domingos enfrenta grandes e graves problemas herdados do colonialismo inglês e da repressão fascista. Um deles é o problema das casas. Como nos esclarece, um popular desta zona:

— Até à data, a Comissão de Moradores tem-se debruçado unicamente sobre o problema das casas. A acção de uma Comissão de Moradores é lata, não se limitando só a este problema. Todos os assuntos de interesse popular estão dentro do seu âmbito. Esta terra, durante quase cem anos, foi uma roça ao serviço de uma empresa privada inglesa que pagou salários de fome, nunca reconheceu direitos ou indemnizações aos mineiros sinistrados e vendeu, depois, os despojos da mina a outra empresa sem qualquer respeito pelos que aqui trabalhavam há quarenta e trinta anos, sem sequer lhes conceder uma reforma. Estes senhores só merecem o desprezo do povo. Desta forma cabe aos habitantes desta terra o direito de tudo quanto pertenceu à empresa mineira. Por isso vamos resolver os problemas que nos interessam a nós, povo da Mina de S. Domingos. Uma parte das casas paga renda à empresa e outras nada pagam, encontrando-se os habitantes no seu legítimo direito,

pois sempre foram votados ao desprezo. Há casas a cair e a empresa não atende qualquer pedido de reparação. A Comissão de Moradores tem, pois, de empregar medidas de molde a não deixar cair as casas por completo, como aconteceu a algumas que já nem têm portas, nem telhados e as paredes estão a cair. Para se conseguir o arranjo das casas é preciso dinheiro e a Comissão de Moradores não o tem. Esse dinheiro tem que sair do povo. Para isso, em reunião de toda a população, deve ser deliberada a maneira como todos devem contribuir para que as casas sejam arranjadas.

Não ficam por aqui os problemas que a Comissão de Moradores enfrenta e que deveriam ser resolvidos pelo Governo através do aparelho administrativo. Porém, na iminência de ficar sem as casas, o próprio povo não deixará de se movimentar e de trabalhar na sua reparação.

Analisando uma outra questão que urge resolver, diz-nos o nosso interlocutor:

— Outro assunto que interessa à gente da terra é a água dos gastos. Das duas represas que circundam a povoação, uma encontra-se quase seca e a água que resta é imprópria para consumo; a outra, situada numa ponta da povoação, fica bastante retirada do centro. Por isso tem de ser canalizada e os custos só podem ser suportados pela Câmara. A população deve, pois, movimentar-se junto do Presidente da Câmara para que se trate deste assunto. Vamos todos juntos trabalhar. O que é preciso é começar. Seguiremos o exemplo de grandes massas de trabalhadores que, com denodo, lutam, traçando o caminho que há-de conduzir à nossa emancipação.

E A PROVOCAÇÃO DE RIO MAIOR?

A reacção e os fascistas de Rio Maior, com os que para lá se deslocam, pretendem ser a campanha na missa negra da contra-revolução. Aqueles que julgam defender os seus interesses juntando-se aos grandes agrários, assassinos e ladrões, terão de fazer um esforço para não cair em armadilhas lançadas pelo fascismo

Não é a primeira vez que Rio Maior pretende ser o foco contra-revolucionário, mobilizador das vontades fascistas que enxameiam pelo País. A ridícula presunção do «Aqui começa Portugal» (cartaz em Rio Maior) deve ler-se «Aqui começa a manipulação reaccionária e o golpismo». Significativo é um panfleto anónimo distribuído na vila, durante os acontecimentos do dia 24, que começava pelas palavras utópicas «aos bons portugueses». Nele se reconhece o «estilo» fascista de Spínola. Os reaccionários e fascistas de Rio Maior, depois de quimarem a sede do nosso Partido e de se dedicarem a semear a violência contra pessoas e jornais democráticos, voltaram à carga no dia 24, cortando estradas, paralisando o caminho de ferro e levantando barricadas. Quem era o inimigo? — Os trabalhadores. Onde vinha

o perigo? — Da Reforma Agrária. Os grandes agrários dão homem por si. Aproveitando algumas justas reivindicações de pequenos e médios agricultores, vítimas sobretudo da política que contra eles moveu durante muitos anos o fascismo, pretendem virar-se contra a ordem democrática, usando o anticomunismo bem expresso no pedido de «saneamento imediato do secretariado de Estado da Reestruturação Agrária, António Bica».

Explorando sem escrúpulos as preocupações de gente mal informada, manobrando com os receios dos pequenos proprietários, falseando completamente a luta dos trabalhadores rurais alentejanos, partidos reaccionários (Gonçalo Ribeiro Teles, dirigente do PPM, usou da palavra no dia 24 em Rio Maior) e partidos fascistas, beneficiando das posições de direita da direcção do PS, sonham voltar aos

tempos do «emparcelamento agrícola», aos tempos da «colonização interna» do regime de Caetano. Querem uma «reforma agrária» que sirva os grandes proprietários. Querem acabar com o papel que nela desempenham os trabalhadores. Querem continuar a proletariar os pequenos agricultores, a arranjar entre eles mão de obra a baixo preço.

Pretendem rever a Lei da Reforma Agrária. Exigem «liberdade democrática» para roubarem as terras livremente e dentro da lei. Mas Rio Maior não cortou Portugal em dois, como pretende, em título «O Jornal» reaccionário, na pressa pavorosa de arranjar um chavão atractivo. Rio Maior não corta nada. Os trabalhadores não deixam que os dividam entre Norte e Sul, entre progressistas e reaccionários. As lutas e os interesses fundamentais dos trabalhadores são comuns e têm a seu lado muitos pequenos e médios agricultores, que não temem «ocupações selvagens» por sabermos perfeitamente a quem interessa caluniar as lutas do proletariado rural.

Portugal não começa em Rio Maior, como a provocação não começa no semanário «O Jornal». O regionalismo barato e a sede do «sensacional» provinciano e amador têm raízes mais fundas. É a contra-revolução sempre pronta a dar mais um passo. Como afirma o nosso Partido, as sublevações contra-revolucionárias em Rio Maior e no Oeste e os assaltos por bandos armados a cooperativas agrícolas no Alentejo, nos dias 24 e 25 são marcas da intensificação das actividades contra-revolucionárias sob a ass protectora da aliança PS-PPD e de sectores militares conservadores, lançados numa política repressiva.

A sublevação contra-revolucionária de Rio Maior inscreve-se de alto a baixo na crise criada pela actuação das forças de direita no Governo e nas Forças Armadas, pela repressão contra a esquerda militar, pelos saneamentos à esquerda para postos de comando. Sempre que a direita avança, avança o fascismo na sua peugada. Não para a deixar caminhar em sossego, mas para a ultrapassar e esmagar na primeira oportunidade. Por isso, os fascistas se reúnem em Rio Maior, no dia 24, para cortar as estradas de acesso à Lisboa.

O perigo de uma ditadura fascista aparece claramente no horizonte, se não se unirem rapidamente todos os que querem fazer-lhe frente. Por isso se devem tomar de imediato medidas severas contra actividades contra-revolucionárias, designadamente do ELP e do MDLP. Por isso devem cessar imediatamente as prisões, a repressão, os saneamentos à esquerda e as perseguições.

TAREFA REVOLUCIONÁRIA! ASSINAR O



TABELA DE ASSINATURAS (50 números)

CONTINENTE E ILHAS		
Via normal	200\$00	☐
Via aérea	260\$00	☐
ANGOLA, CABO VERDE, MACAU, MOÇAMBIQUE, S. TOMÉ, TIMOR, GUINÉ-BISSAU		
Via normal	210\$00	☐
Via aérea	590\$00	☐
ESPANHA		
Via normal	210\$00	☐
Via aérea	290\$00	☐
RESTANTES PAISES EUROPEUS		
Via normal	320\$00	☐
Via aérea	430\$00	☐
BRASIL		
Via normal	210\$00	☐
Via aérea	650\$00	☐
RESTANTES PAISES		
Via normal	320\$00	☐
Via aérea	730\$00	☐
ASSINATURA DE APOIO		200\$00 ☐

Envie em cheque/vale de correio, correspondente ao preço da assinatura para

«Editorial Avante!»
Av. Santos Dumont, 57-2.
LISBOA

ASSINA O AVANTE!
LÊ ★ DIVULGA

Ler e divulgar o «AVANTE!» é ajudar o Partido

MENSAGENS DE PARTIDOS IRMÃOS

Face às dificuldades e às curvas difíceis do processo revolucionário, a vinda escalada da reacção no nosso país, os partidos irmãos de todo o mundo, erguem a sua voz em inequívoca manifestação de solidariedade internacionalista.

O reconhecimento da importância vital da defesa da revolução portuguesa para o avanço do processo revolucionário na Europa e nos outros continentes, o firme repúdio das manobras que a reacção internacional, de mãos dadas com a reacção interna, empreende para liquidar a democracia no nosso país, as perspectivas de um futuro de liberdade rumo ao socialismo — são constantes nas mensagens dos partidos comunistas e operários de todo o mundo, ao nosso Partido. Mensagens em que ressalta o reconhecimento da correcção da linha seguida pelo Partido Comunista Português no complexo e sinuoso processo revolucionário que vivemos, e que será determinante, não só para o futuro do nosso próprio povo, mas também, ainda que por formas diferentes, para o conjunto das forças progressistas internacionais. Eis duas dessas mensagens dirigidas ao nosso Partido.

PARTIDO COMUNISTA DO IRAQUE

Queridos camaradas

A reunião plenária do CC do Partido Comunista Iraquiano, realizada entre 19 e 23 de Setembro, tem o prazer de vos enviar, e através

de vós a todos os comunistas e revolucionários de Portugal, as mais cordiais saudações fraternais e os profundos sentimentos de solidariedade com a vossa heróica luta contra a reacção nacional e internacional e as forças de direita, e na defesa dos interesses do povo português.

Os membros do nosso partido e todos os anti-imperialistas e anti-reacionários do nosso país seguem com profundo interesse o desenvolvimento dos acontecimentos de Portugal e desejam exprimir simpatia e ajuda com a vossa luta porque compreendem a grandeza e a importância da responsabilidade assumida pelo vosso Partido, e pelos seus lutadores e por todos os revolucionários neste momento crítico que o vosso país atravessa.

As campanhas anti-comunistas organizadas e movidas pelas forças reacionárias e direitistas em Portugal em coordenação com os círculos monopolistas e imperialistas do mundo capitalista e dos seus aliados, provocaram a indignação dos comunistas e progressistas no nosso país porque eles compreendem, pela sua própria experiência, a estreita relação entre o anti-comunismo servindo o imperialismo e os monopólios de um lado e opondo-se aos interesses do povo por outro lado.

O anti-comunismo constitui o primeiro passo nos esquemas do imperialismo e da reacção para destruir por completo as forças antifascistas, suprimir as vitórias populares e impor o regime fascista para servir o imperialismo e os monopólios internacionais.

Nós, no Iraque, vemos claramente a relação entre a campanha à qual o vosso fraternal Partido está sujeito e o levantar, pelas forças imperialistas, de problemas ao regime progressista em Portugal e ao valoroso MFA, especialmente através da movimentação da guerra civil em Angola e Timor, os incidentes nas ilhas dos Açores e as significativas campanhas de imprensa que acompanham estes incidentes na imprensa capitalista e a agitação e a flagrante intervenção nos assuntos internos de Portugal e a sabotagem à economia nacional.

Ao mesmo tempo que vos saudamos pela posição responsável assumida pelo vosso fraternal Partido, em colaboração com o MFA e todos os revolucionários e democratas interessados na revolução em Portugal, no seu corajoso comportamento no que respeita a estas diversas campanhas e manobras imperialistas—reacionárias, declaramos a nossa solidariedade militante, desejamos-vos um sucesso constante na der-

rota das incessantes manobras das forças contra-revolucionárias, na defesa das importantes vitórias democráticas e progressistas do povo português, e na continuação da revolução em Portugal.

Prometemos aos camaradas estar sempre lado a lado com o povo português na defesa das suas vitórias e do seu desejo de democracia, socialismo e unidade nacional.

PARTIDO COMUNISTA DA IRLANDA

Ao Comité Central do Partido Comunista Português:

«Comunistas da República da Irlanda reunidos no Congresso do Partido Comunista de toda a Irlanda, em Dublin, a 14, 15 e 16 de Novembro, interrompe as suas discussões sobre assuntos internos para enviar-lhes as suas mais cordiais saudações de solidariedade aos militantes do Partido Comunista Português que conduz a luta pela continuação do processo revolucionário. O êxito dessa luta é de vital interesse para os comunistas da Irlanda, na República da Irlanda e na Irlanda do Norte e para todo o povo trabalhador da Europa.»



«Die Wahrheit» vendido nas ruas pelos militantes do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste

«DIE WAHRHEIT»: VINTE ANOS DE LUTA

A festa do 20.º aniversário do «Die Wahrheit», órgão do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste foi uma grande jornada internacionalista de luta e de confiança

Vinte mil exemplares distribuídos e procurados todos os dias numa cidade psicológica e politicamente devastada pela guerra fria. A palavra dos comunistas, do seu Partido, a palavra do partido da classe operária, do internacionalismo proletário levada diariamente há vinte anos aos trabalhadores de Berlim Oeste.

Foi este esforço, este trabalho que se comemorou em Berlim, a semana passada, na festa de «Die Wahrheit», órgão do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste. A situação do Partido e do seu órgão exigiram traçar-se a história da luta dos camaradas alemães e muito especialmente dos camaradas de Berlim Oeste. É toda a história da sequência da derrota do nazismo, do esforço dos povos para a consolidação da paz e da democracia, da tração do imperialismo e do desencadear da guerra fria, do anti-comunismo mais agressivo, do alento dado pela imperialismo americano aos saudosistas nazis e reacionários para o reerguer de uma política de agressão e de domínio.

Concluída a guerra, derrotado o nazismo em Berlim pelo esforço do povo soviético e do Exército Vermelho, a situação da antiga capital do Reich foi fruto de negociações entre os aliados onde se desenhavam já as contradições e os conflitos. Berlim, tomada até ao último tiro pelos soldados soviéticos, foi dividida em quatro sectores, sob o controle de cada uma das potências que haviam derrotado Hitler: União Soviética, França, Inglaterra e Estados Unidos.

A defesa dos interesses do imperialismo capitalista breve porém determinou a alteração da política de alianças que já se vinha a manifestar na fase final da guerra, quando os aliados das «democracias» ocidentais tinham o prestígio adquirido pela luta das forças progressistas e dos países socialistas após a sua dura luta contra o nazifascismo. O problema da Alemanha tornou-se no fulcro das atenções e os americanos não hesitaram em recorrer mesmo aos quadros reacionários herdados do regime de Hitler para impedirem o crescimento da influência dos comunistas e das forças de esquerda. A declaração da «independência» da República Federal Alemã, negando todos os tratados firmados no final da guerra, foi uma provocação monumental que se enquadrou inteiramente na política agressiva conduzida pelos irmãos Dulles e por todos os dirigentes «ocidentais» na defesa dos seus caducos interesses imperialistas.

Face à constituição da RFA, as forças progressistas do mundo saudaram entusiasticamente a constituição de um estado democrático alemão, a República Democrática Alemã, onde o povo alemão e os trabalhadores alemães tornaram, com o auxílio do povo soviético e de todos os povos do mundo, o futuro nas suas mãos, para a constituição de uma sociedade onde fossem definitivamente curadas as feridas deixadas pelo imperialismo e pelo militarismo alemães.

Berlim, capital da RDA, cidade dividida pela equívoca situação herdada da guerra, tornou-se num ponto fulcral da política de agressão e de provocação das forças reacionárias do capitalismo. Capital da RDA, Berlim era uma cidade dividida, onde de um lado da rua se vivia em regime socialista e do outro se vivia em regime capitalista, onde numa casa viviam trabalhadores que lutavam pela consolidação de uma sociedade justa e na outra casa se acumulavam os agentes do imperialismo, a CIA, o FBI, todos os serviços secretos de espionagem e de provocação que a cobertura da demagogia ocidental da «cidade livre» tinham livre acesso ao coração de um país que decisivamente marchava para o futuro.

Na RDA, as forças de esquerda conseguiam a unificação e surgia o Partido Socialista Unificado, fruto da fusão do Partido Comunista e do Partido Socialista. Na República Federal, o mesmo Partido, o Partido da classe operária alemã no seu todo, era proibido. Em Berlim, nas zonas americana, francesa e inglesa o Partido era aceite, mas a vigilância e a repressão das autoridades ocupantes era permanente.

Entretanto o imperialismo fazia de Berlim a grande mostra do sistema capitalista. Americanos, ingleses, os reconstituídos monopólios alemães da RFA injectavam e injectam em Berlim Oeste somas astronómicas para manterem uma

que igualmente o não admitirão! Partido legal, os militantes do Partido acabam por viver numa quase situação de clandestinidade.

Contudo, a influência cresce. O Partido tem em Berlim 8 000 mili-

te repressão, procuram no jornal a resposta aos seus problemas, a orientação para as suas lutas. Na verdade, por muitos esforços que o imperialismo faça para construir em Berlim um «paraíso», a lógica da social-democracia capitalista não consegue impedir a exploração, o desemprego, as más condições de vida e de habitação, a inflação.

O paraíso de Berlim Oeste é o retrato do falhanço do imperialismo, cobrindo prédios e prédios de anúncios luminosos no centro comercial da cidade e remetendo os trabalhadores para bairros periféricos onde se amontoam pessoas tratadas como gado, em monstros de betão sem vida, sem estruturas sociais, sem escolas, sem jardins de infância. Do imperialismo que vê a sua propaganda revanchista, as suas lavagens de cérebro feitas durante anos sobre a população alemã marcada pela guerra — baquearem estrondosamente face à uma juventude que se bate nas fábricas, nos sindicatos, que fez aumentar o Partido da classe operária em mais de 100 por cento nos últimos anos, que põe em causa as direcções vendidas dos sindicatos sociais democratas, que se bate em condições difíceis com habilidade, coragem e determinação.

«Die Wahrheit» é o órgão de um Partido onde militam camaradas com dezenas de anos de luta, que conheceram os campos de concentração, a luta clandestina contra o terrorismo fascista, que ouviram Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Ernst Thälmann e os jovens que venceram a propaganda imperialista, as propostas de alienação do imperialismo. «Die Wahrheit» é o órgão de um Partido fiel aos princípios do marxismo-leninismo, rico de uma experiência de combate e intransigente na defesa dos interesses da classe operária, dos trabalhadores, dos interesses dos povos do mundo.

«Die Wahrheit» comemorou os seus 20 anos com uma festa onde recebeu fraternalmente os representantes dos órgãos de imprensa dos Partidos irmãos, onde os jovens velhos Partido da classe operária alemã gritou firmemente a sua determinação, o seu apoio aos povos em luta em toda a parte do mundo. Onde para o Chile, para Portugal, para a União Soviética, para a França houve palavras de fraternidade revolucionária, onde se afirmou: «Hoch sie die internationale Solidarität!» — Viva a solidariedade internacional!

Camarada Hans Mahle
Director de «Die Wahrheit», órgão do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste

Queridos camaradas
O colectivo da Redacção do «Avante!», órgão Central do Partido Comunista Português, saúda fraternalmente todos os camaradas da redacção do «Die Wahrheit», o Comité Central e todos os militantes do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste por ocasião da Festa do 20.º aniversário do vosso jornal.

Sabemos, camaradas, as grandes dificuldades que defronta «Die Wahrheit» para levar à classe operária de Berlim Oeste as palavras e a orientação do seu Partido de vanguarda, numa cidade onde o imperialismo americano e os seus aliados continuam a desenvolver a mais violenta e agressiva campanha anticomunista. A vossa luta e os vossos êxitos são um motivo de orgulho e de confiança para todos os trabalhadores do mundo, para a imprensa operária e para a causa da liberdade, da paz e do progresso dos povos.

Nas actuais circunstâncias, em que o nosso partido, ao lado de todas as forças progressistas portuguesas, conduz um combate contra o imperialismo e o fascismo que pretendem destruir as conquistas democráticas do povo português e destruir as suas vitórias históricas, atribuímos a maior importância à solidariedade de todas as forças progressistas do mundo, de que a classe operária e os comunistas de Berlim Oeste são um grandioso exemplo. O povo trabalhador e os comunistas portugueses reconhecem na solidariedade de todos os povos do mundo, dos Partidos operários, da União Soviética e de todos os países socialistas a prova do papel da sua revolução, a prova da justeza dos seus esforços para construir a unidade das forças progressistas em Portugal e no mundo e afirmam a sua determinação de corresponderem a todos os seus amigos e companheiros com o decisivo apoio da sua vitória.

Para a dura luta que conduziis podeis contar, camaradas, com o apoio do povo e dos comunistas portugueses. As vossas vitórias são as nossas vitórias, as nossas vitórias são também as vitórias da vossa fraternal solidariedade.

21 de Novembro de 1975

A convite da Redacção de «Die Wahrheit», assistiram à Festa do 20.º aniversário do órgão do PSUBO os camaradas Ivan Woroshejkin, chefe de redacção adjunto da «Pravda»; Herbert Haber e Werner Micke, respectivamente, adjunto do Comité Central do PSUA e da direcção do «Neues Deutschland»; François Lescure, chefe da secção Internacional do «L'Humanité»; George Polikelt, chefe de Redacção do «Unserer Zeit»; Vladimir Gerloch, do «Trybuna Ludu»; Helena Jablonska, do «Rude Pravo», representantes da Unidade Popular Chilena e representantes diplomáticos de todos os países socialistas.

«Avante!», foi representado pelo camarada Ruben de Carvalho, chefe de redacção.

ponta de lança no coração dos países socialistas. A mais desenfreada propaganda anticomunista, o culto da propaganda nazista, explorando torpemente o nacionalismo e o revanchismo, deixavam marcas profundas num povo que sofrera cruelmente as consequências da política criminosa dos dirigentes do III Reich, ao mesmo tempo que na RFA e em Berlim Ocidental a repressão se esmerava em encontrar formas de controlo da actividade das forças progressistas, nomeadamente através de uma segregação meticulosa nos postos de trabalho.

Foi nestas difíceis circunstâncias que em 1955 surgiu em Berlim Oeste «Die Wahrheit», órgão do Partido Socialista Unificado de Berlim Oeste.

A história de «Die Wahrheit» constitui por si só um exemplo das dificuldades de trabalho dos camaradas alemães. «Die Wahrheit» não é vendido nos postos de venda de jornais: os monopólios da imprensa ameaçam os vendedores de represas se venderem o jornal que os ataca. Mais de uma vez, a Redacção do jornal foi assaltada pela polícia sob os mais diversos pretextos. Antes de dispor de tipografia própria, «Die Wahrheit» encontrava permanentes dificuldades para encontrar oficinas que se dispusessem a enfrentar as ameaças das autoridades de ocupação e das polícias de Berlim por elas controladas.

Dia a dia, semana a semana, mês a mês, «Die Wahrheit» e o Partido de que é órgão impõem-se. Proibida a sua venda nas fábricas, ele surge nelas pela mãos de homens e mulheres que defrontam as ameaças de despedimentos: em toda a RFA e em Berlim essa é a peça decisiva da repressão — um militante comunista ou sindicalista mais reivindicativo é despedido sem qualquer defesa e o seu nome comunicado a todas as empresas

tantes: «Die Wahrheit» tira e vende 20 000 exemplares por dia. Não são apenas os militantes que o compram: milhares de trabalhadores, temendo embora a permanen-

SOLIDARIEDADE DA RDA: «PORTUGAL NÃO SERÁ O CHILE DA EUROPA!»

À escalada da reacção em Portugal, responde o protesto da Juventude, das forças progressistas. Uma certeza unânime, uma certeza feita da vontade do nosso povo e da solidariedade internacional — «Portugal não será o Chile da Europa!»

«Pela solidariedade anti-imperialista, a paz e o progresso social» — é a palavra de ordem que norteia a acção da Federação Mundial da Juventude Democrática (FMJD) e da juventude progressista de todo o mundo. Uma palavra de ordem que se tem materializado no firme apoio a todos os movimentos progressistas, a todos os que se batem por um novo mundo, contra a opressão e a exploração imperialista, contra o terror fascista, as manobras descaradas ou subitas dos centros de provocação internacional.

Nun momento em que a luta que se trava em Portugal ganha uma indelével dimensão internacional, num momento em que as forças progressistas, todos os verdadeiros revolucionários acompanham com esperança e preocupação as oscilações do processo revolucionário em Portugal, a juventude democrática de todo o mundo manifesta a sua firme solidariedade com a revolução portuguesa e o seu repúdio pelas manobras reacionárias.

Referem-se a seguir algumas das mensagens recebidas pelo nosso Partido até meados de Novembro, mas que só hoje nos é possível publicar.

JUVENTUDE LIVRE ALEMÃ

O Comité Central da Juventude Livre Alemã enviou o seguinte telegrama à União das Juventudes Comunistas, à UEC e à Pro-UNEP: «A Juventude da República Democrática Alemã acompanha com profunda inquietação as tentativas da reacção interna e internacional para sufocar a jovem democracia, pelo terror, pela sabotagem económica, pela perseguição aos comunistas. Os ataques criminosos contra as instalações do Partido Comunista Português e outras organizações progressistas, que já fizeram vítimas entre os verdadeiros democratas, as infames campanhas anti-comunistas e os ataques à necessária unidade popular têm por objectivo impedir a evolução democrática e abrir caminho ao restabelecimento da violência fascista.

Em nome da Juventude da RDA, o Comité Central da FDJ protesta com indignação contra o terror anticomunista e as descaradas injunções e chantagem da reacção internacional (...). O Comité Central da FDJ declara que a Juventude da RDA está firmemente ao lado da juventude progressista portuguesa e de todos os democratas e patriotas deste país, que se opõem, unida e corajosamente, à contra-revolução, ao lado dos que lutam pela liberdade e pela democracia, pela independência nacional e o progresso social em Portugal.

Enviarmos-vos as nossas saudações de solidariedade, certos de que, com a unidade de todas as forças antifascistas, democráticas e patrióticas, venceréis na vossa justa luta contra a reacção interna e externa, e que o povo português e a sua juventude prosseguirão resolutamente pelo caminho da liber-

dade, da democracia e do progresso social».

O APOIO DA FMJD

Durante uma conferência de imprensa realizada em Berlim, para comemorar o 30.º aniversário da FMJD, o secretário geral desta organização declarou:

«A FMJD e as suas organizações aderentes deram todo o seu apoio aos antifascistas portugueses na sua luta contra Salazar e Caetano.

Ao longo do período em que o povo português e a sua juventude sofreram o jugo fascista, a FMJD multiplicou as suas acções de solidariedade com a luta dos antifascistas e democratas portugueses, com as vítimas da tortura, da prisão e de outras formas de repressão. Esta solidariedade nunca cessou.

Saudamos com alegria e entusiasmo a vitória da revolução dos cravos, o 25 de Abril. O fim do fascismo abriu as portas ao desenvolvimento democrático e progressista do país. Hoje sentimo-nos profundamente preocupados com a evolução dos acontecimentos em Portugal. Indigna-nos a monstruosa campanha anticomunista lançada pelas forças da reacção e do fascismo com o objectivo de aniquilar o processo de democratização e pôr em causa as conquistas económicas, sociais e democráticas da revolução. As forças da reacção e do imperialismo de todo o mundo, e em particular a Europa Ocidental, dão todo o seu apoio a estas manobras.

Na nossa opinião é urgente tomar medidas concretas contra a contra-revolução e contra as ameaças fascistas em Portugal.»

Mensagem dos jovens militantes da Juventude Livre Alemã do Bairro de Strausberg:

«Sentimo-nos profundamente indignados face aos crimes cometidos pela contra-revolução em Portugal e Angola. Condenamos, com todas as forças progressistas do mundo, a política de ingerência e de chantagem levada a cabo pela reacção internacional face aos problemas internos do povo português e do povo angolano.

Protestamos energicamente contra as tentativas da reacção internacional para restaurar em Portugal o regime fascista. Exigimos a liberdade de acção para os antifascistas portugueses, na sua luta pela democracia, pela defesa das conquistas da revolução.

MENSAGEM DE ARTISTAS DE TEATRO

Artistas do Teatro Alemão, de Berlim, enviaram a seguinte mensagem:

«O processo revolucionário em Portugal revolucionou todo o mundo. Actualmente, observamos com inquietação como a reacção interna e externa tenta destruir a revolução portuguesa esboçando

o cenário utilizado para derrubar o governo constitucional do Presidente Allende no Chile.

Portugal não deve ser um novo Chile. Actores, encenadores, colaboradores técnicos e artistas, comunistas e sem partido do Teatro Alemão de Berlim, condenamos todo o terror anticomunista, a perseguição a combatentes sinceros pela causa da liberdade, da democracia e do socialismo. Protestamos energicamente contra a ingerência nos problemas internos da República Portuguesa, por parte dos meios agressivos da OTAN, da CEE e pela CIA, que se aliam para atacar as conquistas da jovem democracia portuguesa, para atacar a liberdade e os direitos do povo.

Os fascistas ainda não foram esmagados. Os partidários de Caetano e Spínola podem ainda voltar a levantar cabeça. Os inimigos dos trabalhadores tentam ainda quebrar a unidade do povo, para proteger os lucros dos monopólios.

Face a esta perigosa situação, declaramos a nossa solidariedade militante com os defensores da revolução portuguesa, com todos os democratas e patriotas que se opõem corajosamente à contra-revolução e que lutam pela paz, pela democracia, pela independência nacional e o progresso social em Portugal. Camaradas, lutas pela mais justa das causas, pela Humanidade. Estamos ao vosso lado e juntos venceremos.

MENSAGEM DE ESCRITORES E ARTISTAS PLÁSTICOS

«Manifestamos toda a nossa simpatia, todo o nosso apoio aos corajosos combatentes do povo português.

É com inquietação que observamos a chantagem exercida pelo mundo capitalista para impor ao povo português uma opção política favorável aos inimigos do processo revolucionário. Reafirmamos a validade do princípio adoptado pelos representantes de 35 países europeus, dos EUA e do Canadá, que determina que os problemas internos de cada povo, e portanto também do povo português, dizem unicamente respeito a esse mesmo povo.

Consideramos portanto que a solidariedade ao Portugal revolucionário implica o desmarcamento das mentiras e calúnias da imprensa burguesa nos países capitalistas. Condenamos veementemente o terror contra-revolucionário utilizado pelas forças fascistas que destroem as instalações do Partido Comunista Português e de outros partidos progressistas, que queimam livros e chegam ao assassinato (...) Portugal não deve ser um Chile europeu. Asseguramos-vos que, pelo nosso trabalho e através das nossas obras, aprofundaremos a ideia de solidariedade na consciência dos habitantes do nosso país, que tudo faremos para que participem mais intensamente na luta anti-imperialista, que reforçem a sua solidariedade mili-

tante. Entre nós, «Grândola, Vila Morena» ressoa como o símbolo da revolução portuguesa. Estamos certos que as forças revolucionárias e democráticas de Portugal conseguirão a vitória da via iniciada com o 25 de Abril.»

Escritores do Distrito de Neubrandeburg enviaram a seguinte mensagem:

«Sentimo-nos profundamente inquietos com as notícias que nos vêm de Portugal. Para nós, que sempre acompanhámos com espírito de solidariedade e de vigilância os processos revolucionários mundiais, os acontecimentos políticos que actualmente se desenrolam em Portugal não nos podem deixar indiferentes. Tememos pela jovem democracia, seguimos atentamente os esforços de todos os democratas, de todas as forças progressistas que defendem esta democracia contra os ataques cada vez mais violentos da reacção interna e externa, que agem de mãos dadas. Apoiámos as forças que lutam por transformações radicais do país. Nestes dias difíceis, expressamos a nossa solidariedade ao Partido Comunista Português, que, com um tacto e uma tenacidade revolucionária exemplares, tudo faz para unir as forças antifascistas. Estamos ao lado de todos os democratas sinceros deste país mártir.

Protestamos contra a cada vez mais descarada pressão da reacção externa que utiliza todos os meios, do boicote económico à ingerência política aberta nos problemas internos do país, para liquidar a marcha revolucionária dos acontecimentos e para criar condições políticas que lhe sejam favoráveis.

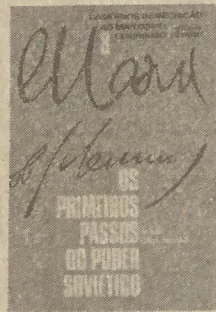
Portugal não deve ser um novo Chile.»

COLABORADORES DO STAATSVIRLAG

«Condenamos energicamente os redobrados ataques da contra-revolução à democracia em Portugal. Os criminosos ataques contra as instalações do Partido Comunista Português e outras organizações progressistas, que já fizeram vítimas entre os verdadeiros democratas, as campanhas anticomunistas e os ataques contra a unidade do povo, têm como objectivo impedir o desenvolvimento democrático, abrir caminho ao retorno do fascismo. Por detrás destes ataques contra-revolucionários está o capital monopolista internacional e a reacção interna, os inimigos da democracia e do progresso.

O assalto das sinistras forças da reacção, dos fascistas abertos ou encapotados contra a liberdade em Portugal, representa uma séria ameaça para a paz. No espírito de uma solidariedade militante, desejamos ao povo português o sucesso na sua luta para manter a unidade das forças pacíficas e antifascistas, para desmascarar o carácter demagógico das campanhas anticomunistas, proteger as conquistas revolucionárias do povo português, alcançar a vitória.»

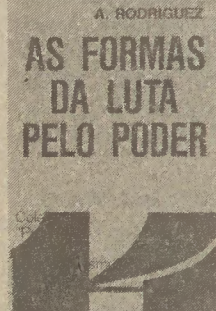
Novidades das Edições Avante!



OS PRIMEIROS PASSOS DO PODER SOVIETICO
Vitali Datchenko

A história do nascimento, do estabelecimento e do desenvolvimento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas constitui um testemunho convincente da vitalidade e da força transformadora das ideias do marxismo-leninismo. Nasceu em Outubro de 1917, este primeiro Estado dos operários e dos camponeses no mundo inaugurou a construção de um mundo novo, de um mundo sem opressores nem oprimidos.

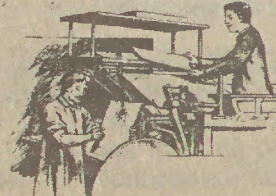
Código 21 08 Preço 20500



AS FORMAS DA LUTA PELO PODER
A. Rodriguez

O problema do poder político e as formas da sua conquista constituem um problema fundamental da revolução. Com efeito, a conquista do poder pelo classes operária e uma lei da revolução socialista, é uma condição necessária para que possam ser levadas a cabo as tarefas criadoras da revolução: para a constituição do socialismo e do comunismo, grandes ideias da humanidade progressista.

Código 32 14 Preço 8500



edições
Avante!

- A Assembleia Nacional Popular de Cabo Verde aprovou a lei definitiva da Reforma Agrária.

- Cabo Verde deverá ter, em breve, uma única central sindical. Um decreto-lei do Conselho de Ministros reconhece como única organização neste domínio o Grupo de Acção Sindical, constituído nestes últimos meses. Este grupo criou uma comissão de organização dos sindicatos cabo-verdianos, encarregada da reforma das estruturas sindicais, de acordo com as novas necessidades de reconstrução nacional e de participação dos trabalhadores na vida económica do país.

- O Vietname será reunificado sob um governo central eleito por uma assembleia nacional conjunta. Será criado um conselho de eleição nacional para fiscalizar o sufrágio. Todos os cidadãos com mais de 18 anos terão direito a voto.

- Uma nave espacial soviética não tripulada atracou automaticamente ao laboratório espacial em órbita «Salyut».

- A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) decidiu estabelecer um fundo de mil milhões de dólares para auxílio às nações em via de desenvolvimento afectadas pelos elevados preços do petróleo. Serão feito empréstimos sem juro para auxiliar os défices nas balanças de pagamentos e financiados projectos de auxílio económico.

- Referindo-se à cimeira de Rambouillet entre os grandes países capitalistas, a agência soviética TASS comenta. «Os participantes não puderam preconizar quaisquer medidas ou recomendações concretas. O palavreado ambíguo da declaração não pode esconder o facto de que os participantes da cimeira não venceram as suas profundas diferenças quanto a questões cruciais, particularmente na esfera monetária e financeira e no comércio internacional.» A TASS acrescenta que a cimeira mais não fora do que «outra tentativa das grandes potências industriais do Ocidente para criar uma frente unida contra os países em vias de desenvolvimento que fornecem a essas nações matérias-primas e combustíveis».

- Vinte e cinco grandes empresas americanas são acusadas nos Estados Unidos, desde o princípio do ano, de «práticas comerciais discutíveis» no estrangeiro, onde teriam pago nestes últimos anos mais de 300 milhões de dólares de «gratificações» diversas. A maioria dessas multinacionais exerce a sua actividade no sector petrolífero (Exxon, Gulf, Phillips, etc.) ou no sector do material militar (Northrop, Lockheed e Raytheon).

- Há aproximadamente cinco milhões de desempregados nos nove países do Euromercado, número mais de duas vezes superior ao que existia há dois anos.

- Falando na cerimónia da prestação de juramento do novo secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, o presidente Ford dos EUA acentuou que «um poder militar americano sem igual permitiria aos Estados Unidos uma condução firme da sua política externa, no Mundo, de forma a que o seu interesse nacional saísse protegido». Ford retoma assim, mais uma vez, perigosas teorias da guerra fria, de uma pretensa paz baseada na força das armas do imperialismo.

- O camarada Osvaldo Pacheco da Silva, membro do Comité Central do Partido Comunista Brasileiro, ex-deputado federal e dirigente sindical, o jornalista Renato Cupertino Guimarães e Amaro Marques, foram condenados em tribunal militar a seis anos de prisão.

- A Assembleia Geral da ONU exigiu que todas as tropas estrangeiras retirem, sem demora, de Chipre, e convidou dirigentes gregos e turcos a recomencem negociações. Os EUA absteve-ram-se.

- Em mensagem dirigida à Conferência Mundial, que abriu em Leninegrado por ocasião do 25.º aniversário do Conselho Mundial da Paz, o camarada Brejnev afirmou que a actividade desta organização é favorecida pela situação internacional actual, onde «os últimos fundamentos do colonialismo, do racismo e dos regimes fascistas se desmoronam e onde os povos alcançam novos êxitos na luta pela independência nacional».

- O Conselho Mundial da Paz atribuiu ao camarada Leonid Brejnev a medalha de ouro da Paz «Frederic Joliot-Curie», a sua mais alta distinção.

- O crescimento da violência nos Estados Unidos atingiu tal extremo nos últimos cinco anos que para a maioria dos norte-americanos o terror é uma rotina diária. Desde 1969, registou-se um aumento de 40 por cento no número de assassinios, 38 por cento no número roubos e 49 por cento no número de violações. No ano passado produziram-se nos EUA 10 192 020 crimes graves, que deram origem a mais de 20 mil mortes. Desde 1969 as perspectivas de morrer violentamente às mãos de um criminoso aumentaram, para os cidadãos americanos, em 32 por cento.

- O Governo da Guiné-Bissau decidiu nacionalizar a actividade comercial da Casa Gouveia, decorrendo, agora, conversações entre representantes desta sociedade anónima e os armazéns do povo para a transferência de mercadorias, equipamentos e móveis. A Casa Gouveia, do grupo CUF, é o maior empório da Guiné-Bissau, tendo mesmo chegado a controlar a compra, tratamento, exportação e venda do arroz, assim como do óleo de palma e do coconote.

- A quinta assembleia do Conselho Mundial das Igrejas, em sessão plenária em Nairobi, decidiu boicotar seis importantes bancos europeus e o seu consórcio internacional — a corporação bancária europeia-americana —, devido a empréstimos à África do Sul.

- Os Estados Unidos estão a caminho de estabelecer um novo recorde de venda de armas ao estrangeiro no corrente ano fiscal. Nos primeiros cinco meses do novo ano fiscal, as ofertas de vendas de armas ascenderam à média mensal de 1200 milhões de dólares, podendo a esse ritmo totalizar cerca de 14 000 milhões de dólares em todo o ano — 47 por cento mais do que o total de 9500 milhões do ano fiscal de 1975.

informação

Juan Carlos, porta-voz do franquismo sem Franco

«Hoje começa uma nova etapa da história de Espanha. Esta etapa, que temos que percorrer juntos, inicia-se na paz, no trabalho e na prosperidade, fruto do esforço comum e da decidida vontade colectiva. A monarquia será fiel guardiã dessa herança e procurará, a todo o momento, manter a mais estreita relação com o povo». Entre Pinochet e Rockefeller, igualmente presentes no funeral de Franco, num ambiente que remonta a 1931, antes da implantação da República, Juan Carlos pronunciou o seu primeiro discurso como rei.

Um discurso digno dos seus acompanhantes mais próximos, porque corresponde de facto aos interesses do imperialismo. Um discurso digno das esperanças da Europa capitalista, que de há muito deseja remover todos os obstáculos que lhe impedem uma franca abertura com Espanha. Morto o símbolo da matança da guerra civil espanhola, em que se empenharam, muitas vezes de uma forma directa, amplos sectores da população europeia; mais francamente aberta a possibilidade de uma demagogia liberalizante sem qualquer correspondência prática — a Europa prepara-se para acolher de braços abertos uma Espanha pretensamente liberta do franquismo.

O discurso de Juan Carlos é feito de subtis nuances. Mesmo só em teoria, dá-se com uma mão o que se retira com a outra. Sob o signo da promessa da «concordia nacional», promete-se justiça, promete-se escutar atentamente as exigências populares. Mas afirma-se simultaneamente que o povo espanhol — «um grande povo como o nosso», diz-se à grandiloquente maneira medieval — está em «pleno período de desenvolvimento cultural, de mudança de geração e de crescimento material» (frutos do fascismo, sem dúvida...). Elogia-se o respeito da História, num momento em que a História próxima é feita de perseguições, de opressão, de miséria, de assassinatos. Fala-se de reconhecimento de «direitos sociais e económicos» e mesmo de pleno emprego, e pede-se simultaneamente a exploradores e explorados que unam as mãos para alcançar inexistentes objectivos comuns. Faz-se a apologia da «participação de todos nos foros de decisão, nos meios de informação, nos diversos níveis educativos e no «controle» da riqueza nacional.» E nem uma simples amnistia é decretada. Este o fundo das reais intenções da CONCORDIA NACIONAL. Uma «concordia nacional» que já outrora, na boca de Franco, significou apelo à unidade das suas fileiras, e reforçada repressão aos que se lhe opunham.

Enquanto Arias Navarro afirmava com ridículo dramatismo:

«A Espanha não está viúva, está orfã»; enquanto os apaniçados de Franco gritavam o hino fascista sobre a sua tumba; enquanto na Praça do Oriente era erguida uma bandeira espanhola com o elucidativo distico: «Pinochet — Espanha e Chile — o mesmo combate contra o comunismo» — a repressão continuava nas ruas de Espanha. Estudantes universitários eram presos pela polícia de Saragoça. Trabalhadores espanhóis faziam do funeral de três camaradas da indústria automóvel, vítimas de uma explosão de gaz na fábrica onde trabalhavam, uma das maiores manifestações ultimamente vistas em Madrid.

Como o povo de Espanha, o mundo progressista encarou com alívio a morte de Franco. Com alívio e uma esperança baseada na luta popular. Não nas pretensas cedências democráticas da anacrónica monarquia restaurada.

O mundo capitalista volta a falar de estratégia. Dos seus planos para a Espanha e para a Península Ibérica: Para Portugal vê duas alternativas — o retorno do fascismo, que defende e financia, ou a irreparável evolução socialista. Um «mal» que seria necessário não se propagar a toda a Península. Em nome da «importância estratégica da Península Ibérica». Em nome da preservação dos valores da «civilização ocidental» no mundo capitalista europeu. Por isso se apressa a dar o seu apoio ao falso «liberalizante» Juan Carlos. Manejando diplomaticamente as expressões de pesar pela morte de Franco — incómodas e fortemente contestadas pelas forças progressistas nos seus próprios países —, estende a mão a Juan Carlos. Não é ocasional a presença do vice-presidente dos Estados Unidos, Rockefeller, em Madrid. Não é por acaso que Giscard d'Estaing se deslocou a Espanha. Não é por acaso que o executivo da CEE promete apoio ao novo rei de Espanha. Estão lançadas as bases do cerco do mundo capitalista aos anseios e à luta do povo espanhol. Um cerco que as massas populares de Espanha saberão vencer.

Peru: a reacção ataca no 8.º ano da Revolução

A Revolução Peruana tornou-se alvo nas últimas semanas de uma ofensiva conjugada das forças da reacção interna, do imperialismo e de certos sectores da ultra-esquerda. No terreno político e no terreno económico as grandes conquistas realizadas nos sete anos decorridos desde 1968 são postas em causa pelas forças que se opõem à democracia e ao socialismo.

Exactamente como aconteceu no Chile nas semanas que precederam o golpe fascista de 11 de Setembro de 1973, a actual ofensiva contra-revolucionária tem como ponta de lança uma fanática campanha anti-comunista desenvolvida com o apoio de sete ou oito revistas privadas, financiadas pelo imperialismo e pela reacção. Paralelamente a essa campanha (dirigida contra a esquerda militar e contra as grandes conquistas da Revolução) desenvolve-se outra na frente económica. Os grandes empresários capitalistas atacam a «propriedade social», exigem, a supressão das «comunidades de trabalho» criadas no contexto da reforma da propriedade privada capitalista e começam a pedir o regresso dos militares revolucionários aos quartéis e a convocação de uma Assembleia Constituinte. Essas duas últimas exigências são apoiadas pela APRA (um partido burguês que pretende ser socialista, mas não passa de um instrumento da política do imperialismo americano) e pelas seitas políticas que se intitulam maoístas.

A substituição do general Velasco Alvarado pelo general Morales Bermudez na Presidência da República e as mudanças verificadas no Governo são os temas que servem de pretexto à reacção para a sua ofensiva contra-revolucionária. Por um lado investem contra as

mudanças mais importantes verificadas na estrutura socio-económica do país. Criticam a Reforma Agrária, criticam as nacionalizações, criticam o movimento de massas, criticam a política de aproximação cultural e económica com Cuba e a URSS. Mas nada dizem a respeito dos métodos incorrectos e anti-populares que durante anos foram utilizados por ministros reacçãoários e por altos funcionários corruptos que só agora foram saneados. A reacção trata de aproveitar aquele que foi, sem dúvida, um dos erros cometidos pelo actual Presidente. O general Morales Bermudez não alterou as normas que regem a imprensa diária, presentemente socializada. Mas autorizou que no sector de revistas fossem fundadas algumas empresas jornalísticas privadas. Autorizou também a reabertura de outras que haviam sido fechadas. Resultado: o Peru tem hoje uma série de revistas que desempenham ali o papel contra-revolucionário que em Portugal cabe aos semanários «Expresso», «Tempo», «Templário», «Barricada» e também a diários como «A Luta» e o «Jornal Novo».

Em toda a América e até no próprio Peru não faltam elementos progressistas que manifestam a sua estranheza ante a violência da actual ofensiva da reacção, no 8.º ano de uma Revolução que destruiu a oligarquia agrária e vibrou golpes duríssimos no imperialismo. Mas é precisamente porque a revolução avança e porque a aliança Povo-Forças Armadas se fortaleceu sob a Presidência de Morales Bermudez que a reacção ataca com desespero.



Numa lúcida análise da situação política, a Comissão Política do Partido Comunista Peruano chama a atenção para esse facto. «Esta ofensiva contra-revolucionária sem precedentes — assinala o documento — deve-se a que o processo se manteve e avançou durante sete anos, vencendo toda a espécie de obstáculos e derrotando sucessivas tentativas de voltar atrás. Deve-se ao facto de que as conquistas conseguidas até hoje, unidas aos grandes projectos de desenvolvimento que se iniciam, representam bases reais para o seu aprofundamento e consolidação. Deve-se a que, através dessas conquistas se constroem os alicerces de uma nova sociedade independente, realmente democrática e humanista. Deve-se a que o Governo Revolucionário, na nova fase, sob a Presidência do general Morales Bermudez definiu com maior clareza o seu propósito de inserir de maneira objectiva a participação das massas no processo e formulou de maneira mais directa e concreta a perspectiva Socialista na sociedade em construção.»

Os nossos camaradas peruanos têm razão ao recordar uma evidência histórica que surpreendeu partidos e forças revolucionárias de todo o continente americano e que impressionou até certos sectores da classe operária do Peru. «Assim como a maior contra-revolução corresponde mais revolução, a inversa também é verdadeira: a maior revolução, mais contra revolução». Trata-se, portanto, de um processo natural e inevitável de polarização de forças.

A reacção não ousa ainda atacar de frente o Presidente da República. Mas vê nele já um obstáculo aos seus planos, na medida em que surge como o unificador de todas as tendências revolucionárias das Forças Armadas. Nos seus discursos de Puno e Cuzco, Morales marcou à Revolução novas tarefas. Reafirmou em primeiro lugar que a Revolução não se desviará da via Socialista. Não haverá concessões no combate ao imperialismo e à reacção interna. Em segundo lugar, o saneamento na Administração Pública será intensificado. O Presidente deixou claro que os reacçãoários e os corruptos devem ser afastados, sem contemplações da função pública. Em terceiro lugar, convocou todas as forças democráticas e revolucionárias identificadas com o processo a participar da formação da Frente Nacional de Defesa da Revolução, na qual desempenharão um papel decisivo as organizações populares de base.

No seu oitavo ano, a Revolução Peruana enfrenta uma ofensiva geral de todos os seus inimigos. É uma lição para aqueles que julgam que uma revolução se faz em dias ou meses. Mas do Peru chegam-nos outras lições importantes. As Forças Armadas estão hoje mais unidas do que no início do processo e são gerais revolucionários que defendem nas praças públicas a necessidade de reforçar a ligação entre o Exército e as organizações populares de base. É o Presidente quem sugere a criação de comités que constituam uma Frente Nacional de Defesa da Revolução.

Mercenários, investimento do imperialismo americano

Segundo o jornal de Boston «Christian Science Monitor», várias centenas de cidadãos americanos responderam a anúncios publicados em diversas revistas dos EUA que apelavam para «combatentes sólidos» à procura de «trabalho» em terras africanas. Tais «combatentes» destinam-se a ser incorporados, como mercenários, no Exército

rodesiano, e são particularmente bem pagos pelo seu «serviço» — um cabo, por exemplo, recebe 900 dólares líquidos por mês (mais de 25 contos).

Referindo-se igualmente à questão da incorporação de mercenários nos exércitos reacçãoários, o diário inglês «Observer» afirma que mercenários norte-americanos participam juntamente com tropas regulares da República da África do Sul na agressão armada contra o Povo da República Popular de Angola. Uma rede terrorista, chefiada directamente por fascistas portugueses, foi recentemente detectada e desmantelada pelo MPLA.

Hoje, em África, pela sua determinação em proceder à definitiva libertação do seu povo, pela importância decisiva que assume quanto ao futuro de todo o sudoeste africano, Angola é fulcro da grande batalha entre o neocolonialismo e as forças que lutam pela libertação do continente, contra o racismo, contra o poder das multinacionais.

Mercenários de várias nacionalidades, enquadados por militares sul-africanos, zaienses e antigos oficiais das forças colonialistas portuguesas, têm vindo a actuar em Angola, desenvolvendo uma guerra de agressão contra o povo angolano. Técnicos brasileiros, franceses, israelitas e outros, formam todo um complexo aparelho de apoio logístico. Tropas provenientes da África do Sul e do Zaire atravessam a fronteira. A Unita e a FNLA estão a combater com armas fabricadas pelos EUA e por outros países.

As denúncias relativas ao recrutamento de mercenários — independentemente da sua nacionalidade — para várias zonas da terra onde se travam batalhas decisivas, aponta para um problema muito mais vasto. O problema da intervenção externa, e das formas que essa intervenção assume. A origem do dinheiro com que se pagam mercenários, com que se paga as actividades das agências provocatórias, com que se paga sabotadores e arruaceiros profissionais.

Porque tudo isto custa muito dinheiro. Neste tipo de «trabalho» não se conta, nem se poderia contar, com o espírito de militância. Mas com o poder atractivo do lucro sobre uma sub-gente que nada mais sabe fazer nem pensar. E quem paga é, sem dúvida, quem está vitalmente interessado em desviar povos e países da senda da revolução.

Num encontro efectuado na Universidade de Toronto, sob os auspícios do Conselho Mundial da Paz, foi assinalada a intervenção das transnacionais e dos órgãos de espionagem norte-americanas nos casos da Unidade Popular no Chile, Guatemala (1954), Bangladesh, Congo, e actualmente em Angola. A paz mundial e a independência das nações está a ser ameaçada — afirmaram os delegados à Conferência, acrescentando que «os exemplos são claros nas ameaças de Gerald Ford e Henry Kissinger em invadir os campos petrolíferos dos países membros da OPEP».

É o dinheiro das multinacionais, dos grandes monopólios, que cobre as actividades provocatórias das organizações de espionagem, que arma exércitos contra os povos em luta pela sua libertação, que paga regamente mercenários agindo onde é possível a actuação de grupos terroristas armados. Trata-se dum investimento como qualquer outro. É um investimento particularmente lucrativo, que permite, por exemplo, recuperar para os domínios da sua exploração países como o Chile, alimentar o racismo com o fim de manter a força de trabalho a preços muito baixos e sem possibilidade de sindicalização (como na África do Sul), e, o que é mais importante, matar no ovo ou sufocar posteriormente movimentos revolucionários que viriam a engrossar as fileiras do mundo progressista, constituir exemplo encorajador para os povos que ainda se encontram sob o seu domínio.

As multinacionais são agente da intervenção externa, não só directamente, mas também de uma forma indirecta, auxiliando a reacção interna sempre e onde o seu poder se encontra em perigo. É o caso das organizações-fantoches, directamente enfeudadas aos interesses do capital internacional. Mas é também o caso dos partidos políticos reacçãoários, que defendem os interesses de classe do capitalismo no seu próprio país, e que podem sempre contar com importantes auxílios externos na sua obra de «pacificação democrática», quer para a prática terrorista, quer para a planificação da linha a seguir, quer mesmo para a propagação, que envolve uma tática de desinformação e intoxicação ideológica, propicia às manobras reacçãoárias.

Mercenários não são só os que a troco de dinheiro lutam noutras terras pelos interesses do capital. São também os que o fazem no seu próprio país, contra os interesses e até a vontade do seu próprio povo. São também os que são pagos para fazer arruaças, lançar bombas nas ruas da terra onde nasceram.

LÊ-ASSINA-DIVULGA

CURSO BÁSICO DO COMUNISMO CIENTÍFICO

LIVRARIA 1.º DE MAIO

PRACETA PORTUGAL

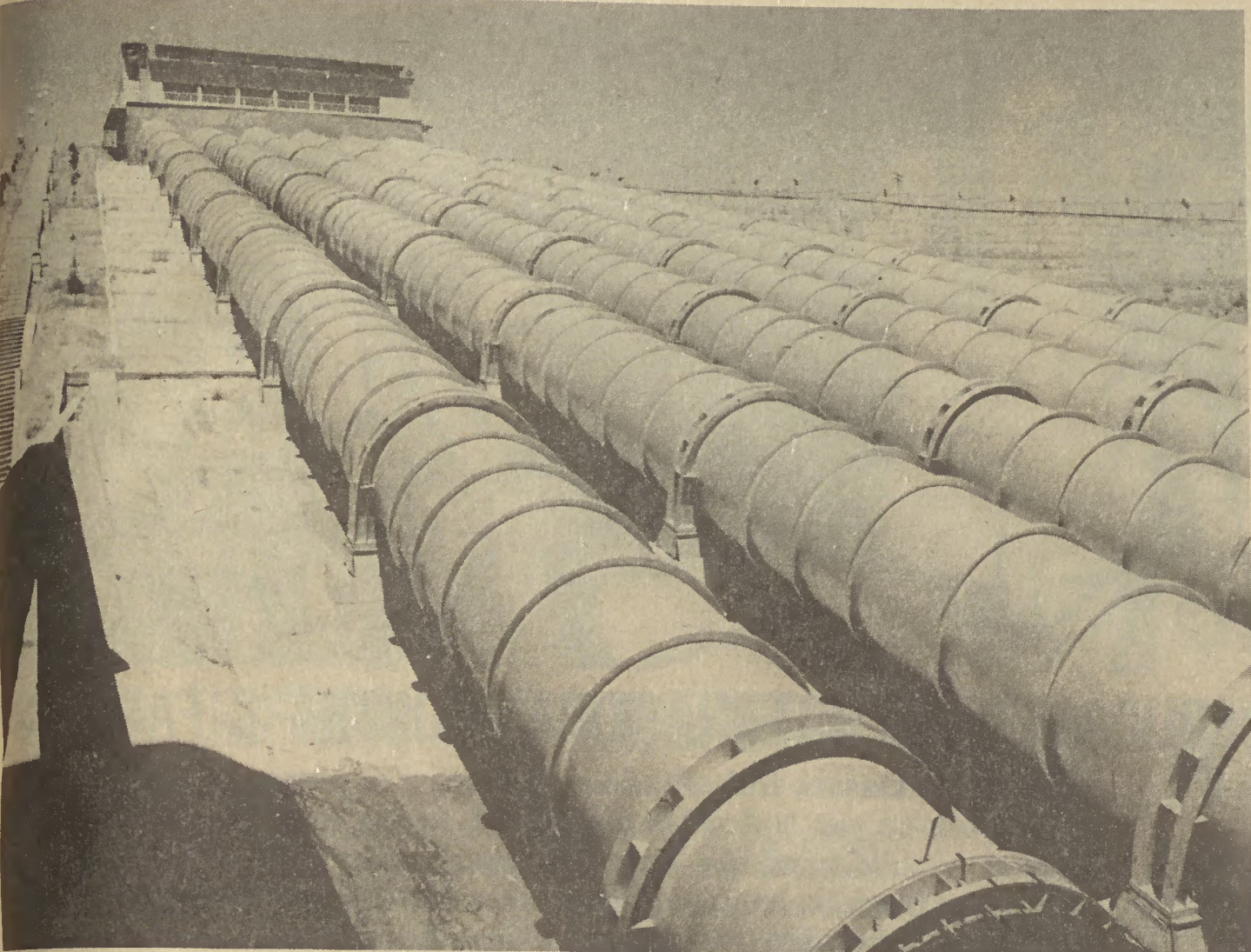
BAIXA DA BANHEIRA

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS, ARTIGOS DE PAPELARIA, POSTERS, AUTOCOLANTES, ETC.

LIVROS SOVIÉTICOS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS OBRAS COMPLETAS DE LÊNINE (EM FRANCÊS)

OBRAS ESCOLHIDAS DE LÊNINE (EM FRANCÊS E ESPANHOL)

OBRAS ESCOLHIDAS DE MARX E ENGELS (EM FRANCÊS E ESPANHOL)



Por estes tubos gigantescos segue a água do rio Amudariá, destinada a regar as terras virgens dos desertos do Urbesquistão. A capacidade das estações é de 1,352 metros cúbicos por segundo. Assim caminha a indústria soviética, posta ao serviço do progresso e da felicidade do povo

A POLÍTICA ECONÓMICA SOVIÉTICA

Baseando-se nos princípios leninistas os operários e camponeses da Rússia, unidos, construíram o Estado soviético, o primeiro Estado Socialista do mundo

O estado soviético — primeiro estado de operários e camponeses na história da humanidade nasceu e desenvolveu-se em condições extremamente difíceis, enquanto a desorganização económica e a fome reinavam no país rodeado pelos países capitalistas hostis. A primeira guerra mundial e a guerra civil que se seguiu (1918-1920) colocaram o país dos soviéticos dois passos da catástrofe económica. Em 1920, a indústria pesada produziu sete vezes menos que antes da guerra. A maior parte das fábricas e oficinas não funcionavam, as minas estavam destruídas, faltavam os combustíveis, os transportes estavam quase completamente paralisados. O sistema monetário estava desorganizado.

A situação era também extremamente grave no campo. A produção agrícola constituía, em 1920, cerca de um terço da produção de antes da guerra, apesar de já nessa altura a agricultura da Rússia ser extremamente atrasada. Aos trabalhadores da cidade e do campo faltavam os produtos de primeira necessidade: pão e carne, roupas e calçado, sal e fósforos.

Foi nestas condições extremamente difíceis que os operários e camponeses de vanguarda começaram a restabelecer a economia nacional, organizar uma vida económica normal.

Num imenso país como a Rússia Soviética, onde predominava a população camponesa, o sucesso da luta contra a desorganização económica só podia ser assegurado na base da aliança da classe operária com o campesinato. Essa base foi criada pela Grande Revolução Socialista de Outubro. O governo soviético libertou o campesinato do jugo dos grandes proprietários e capitalistas nacionalizou a terra que foi entregue gratuitamente aos camponeses para ser trabalhada. A população rural começou a receber um importante auxílio do estado soviético. Ela estava pronta a consagrar todas as suas forças para o reforçar.

Contudo, a entrega da terra aos camponeses não

resolvia todos os problemas do renascimento económico da Rússia Soviética. Uma política económica justa, flexível e perspicaz, capaz de resolver os principais problemas da construção do socialismo num país economicamente débil e arruinado pelas guerras, tinha uma enorme importância. Foi precisamente essa política que assegurou a vitória do socialismo na URSS que foi defendida por Lenine e realizada pelos seus adeptos e seguidores.

A ideia principal do plano leninista de edificação do socialismo consistia em criar uma potente indústria socialista e, nesta base, reorganizar toda a economia do país, assegurar a passagem gradual e livremente consentida da pequena exploração rural privada à grande produção colectiva mecanizada. Mas como construir fábricas e oficinas modernas num país agrário arruinado pelas guerras? Ou como criar os meios necessários à construção, à formação de quadros, à ajuda a prestar aos camponeses pobres? Como enfrentar o bloco económico organizado pelos países do capital e restabelecer um mínimo de relações económicas externas? Era necessário resolver todos estes problemas contando apenas com as suas próprias forças, com os recursos do país. E o estado soviético encontrou o único caminho justo que permitia resolver esses problemas.

ALIANÇA OPERÁRIO-CAMPONESA: NECESSIDADE VITAL DA REVOLUÇÃO

A condição principal para restabelecer a economia nacional e passar à construção do socialismo era o desenvolvimento das relações económicas entre a indústria do sector público e as explorações camponesas. Nessa época, só o comércio entre a cidade e o campo podia ser a forma mais aceitável desses laços. O campesinato tinha

necessidade de artigos industriais. Por seu turno, a cidade necessitava de matérias primas agrícolas para a indústria e de produtos alimentares para a população urbana.

Era necessário incentivar a produção e os transportes, dar trabalho aos milhões de desempregados, alimentar os esmoreados, construir habitações nas cidades e vilas destruídas. Daí resulta que o desenvolvimento das relações entre a cidade e o campo, a consolidação da aliança económica entre os operários e os camponeses fosse uma necessidade vital para o país.

Durante a guerra civil, o campesinato enviava ao estado todos os excedentes em víveres de que o exército e a população urbana necessitavam. Após o fim da guerra civil, o governo soviético estabeleceu um imposto em géneros para o campesinato. A fim de interessar os camponeses pelo desenvolvimento da agricultura, o estado soviético autorizou-os a vender livremente os seus produtos no mercado para que tivessem possibilidade de, com os seus proventos, adquirir artigos industriais. O estado soviético tomou nas suas mãos todo o poder político e os elementos mais importantes da economia: a indústria pesada, os transportes, os bancos. A terra, que ninguém podia comprar, vender ou alugar, era igualmente propriedade do estado.

Apoiando-se na indústria socialista, no sistema de financiamento e de crédito, no comércio de estado e no sistema de cooperativas, o estado soviético desapossou gradualmente os elementos capitalistas ainda existentes na vida económica do país. Para isso, foi primeiro necessário tomar medidas puramente económicas: impostos, compra do trigo pelo estado aos camponeses, venda de mercadorias no sistema de comércio de estado a preços fixos, ajuda aos trabalhadores do campo. Tomaram-se medidas administrativas e repressivas contra os especuladores, sabotadores e elementos hostis.

Assim utilizou o estado soviético as relações de mercado para restabelecer a economia nacional após a guerra, para lançar os alicerces da economia socialista.

O restabelecimento da indústria, o aumento das áreas semeadas e da capacidade comercial das explorações camponesas, o incremento das relações comerciais entre a cidade e o campo e a consolidação da aliança dos operários e camponeses, o restabelecimento da estabilidade do sistema monetário, o mel-

horamento das condições materiais dos trabalhadores da cidade e do campo: tudo isto confirmou de forma notável a justeza da política económica leninista durante os primeiros anos de existência do estado soviético.

O NAZISMO DOBROU OS JOELHOS EM PRAGA

A 17 de Novembro de 1939, o ocupante nazi invadiu as escolas superiores checas, fuzilou estudantes, enviou-os em massa para campos de concentração. Longe de alcançar os seus objectivos, a Alemanha hitleriana desmascarou-se. Hoje, o 17 de Novembro é celebrado como o Dia Internacional dos Estudantes

O 17 de Novembro de 1939, dia da brutal intervenção dos ocupantes nazis contra as escolas superiores checas, os seus estudantes e professores, transformou-se numa data importante na história da luta antifascista. É um dia de solidariedade da luta da juventude de todas as nações amantes da paz e da liberdade e, também, um dia de recordação dos acontecimentos de Novembro do ano de 1939, quando os estudantes checos foram as primeiras vítimas dos nazis, sentiram todo o peso da sua perseguição.

Em 1975, os estudantes checoslovacos e com eles toda a opinião pública progressista mundial recordam especialmente, nesta ocasião, os sessenta anos de nascimento de Jan Opletal (31.12.1915), que foi nessa altura uma das primeiras vítimas do fascismo.

Os nazis alemães, que em Março de 1939 ocuparam os países checos e formaram o «Protectorado» sob a administração alemã, empenharam-se em liquidar no País toda a cultura e ensino checos, como também toda a nação. Ao mesmo tempo chegaram à conclusão que um dos principais fossos para os esforços da germanização era a intelectualidade checa. A acção do 17 de Novembro foi, por conseguinte, uma parte do plano para a solução do «problema checo», rápida e enérgica ao estilo fascista.

Recordemos alguns dos acontecimentos históricos dessa época. Desde os começos de Outubro de 1939 apareceram prospectos e folhetos em Praga e no campo, apelando para a realização a 28 de Outubro, dia do aniversário da independência da Checoslováquia (a 28 de Outubro de 1918 fora declarada a independência da República Checoslovaca, surgida depois da queda da monarquia austro-húngara), de uma manifestação pela libertação do País. Fora preparada como parte integrante das acções massivas antifascistas, nas quais participaria todo o povo e principalmente a classe operária dirigida pelo Partido Comunista da Checoslováquia na ilegalidade. A ela aderiram os estudantes progressistas.

No dia do aniversário da Checoslováquia realizaram-se grandes manifestações em todo o centro de Praga. Pelas ruas marcharam multidões de patriotas. Naturalmente, os fascistas tentaram barrar-lhes o caminho com as armas. O dia terminou com um balanço triste: várias centenas de detidos, um morto e centenas de feridos. Entre eles encontrava-se o estudante de medicina de 25 anos e natural da Morávia, Jan Opletal, cujos ferimentos provocaram a sua morte alguns dias depois.

No dia dos funerais de Opletal, a 16 de Novembro, os estudantes de Praga manifestaram-se contra a falta de direitos e contra o terror fascista. Como resposta a esta acção massiva, a 17 de Novembro efectuou-se a brutal intervenção dos ocupantes contra a intelectualidade. Os polícias alemães ocuparam em Praga, Brno e noutras cidades, as escolas superiores e os internatos dos estudantes, trataram cruelmente os seus habitantes e muitos deles foram transportados para as prisões. O procedimento bárbaro dos nazis é comprovado pelo exemplo do que sucedeu no internato de Masaryk em Praga. As três e meia da manhã, o internato foi cercado pela polícia alemã armada, que sem aviso começou a disparar contra as janelas abertas. Em seguida expulsaram os estudantes dos seus quartos, forçando ao mesmo tempo as portas com as coronhas das suas armas, disparando contra eles. Arrastaram os estudantes pelos cabelos, bateram-lhes com paus e ao pontapé. Nas salas de conferências ordenaram aos estudantes mais velhos que se despiassem e, semi-nus, colocaram-nos com os braços ao alto contra a parede. Depois, por grupos, levaram-nos em camiões. No internato de Masaryk havia naquela altura aproximadamente 850 estudantes; o número de feridos nunca foi comprovado. No internato próximo foi fuzilado o estudante de teologia Frantisek Janecky.

Aos presos dos internatos juntaram-se ainda outros, que os nazis detiveram em casa dos seus pais. Nove estudantes foram nesse dia fuzilados e dos 1.300 levados à força, mais de 1.200 foram deportados para campos de concentração, onde muitos morreram. Ao entardecer do dia 17 de Novembro saiu a notícia oficial sobre o encerramento das escolas superiores no protectorado da Boémia e Morávia.

O martírio dos estudantes não foi em vão. Os acontecimentos de Outubro e Novembro mostraram ao mundo que a maioria absoluta da nação permaneceu fiel ao seu Estado e estava disposta a fazer por ele os maiores sacrifícios. A Alemanha hitleriana desmascarou-se.

No ano de 1941, no Congresso Internacional dos Estudantes, celebrado em Londres, os jovens delegados decidiram, em homenagem aos estudantes patriotas checos, que o dia 17 de Novembro se celebraria como o dia Internacional dos Estudantes. Nessa época muitos estudantes já experimentavam noutros países os «benefícios da cultura» nazi.

Para as pessoas progressistas em todo o mundo, o 17 de Novembro está sempre vivo: a palavra de ordem é lutar por um mundo melhor e mais justo.

Como é possível que a crise universal circunde os países socialistas, não os atingindo? Como é possível, por exemplo, que a República Democrática Alemã desconheça completamente o problema do desemprego?

A Constituição e o Código do Trabalho da República Democrática Alemã garantem, a cada cidadão, sem distinções de sexo, idade ou origem social, o direito ao trabalho. Aplica-se o princípio de salário igual para trabalho igual.

Como é que actua o Estado no sentido de realizar, na prática, esse direito, criando e oferecendo os postos de trabalho necessários e suficientes?

Na República Democrática Alemã, está prevista a construção ou a modernização, no período de 1976 a 1990, de três milhões de habitações. Além disso, serão construídas creches, jardins de infância, escolas, supermercados, policlinicas, instalações culturais e desportivas. Com a realização deste programa de construções habitacionais prevê-se que este sector será um dos que apresentará maior índice de crescimento no conjunto da economia nacional. Trata-se, com efeito, do maior projecto de investimentos da República Democrática Alemã.

Ainda relacionado com este aspecto, é natural que



Na República Democrática Alemã, tal como nos outros países socialistas, os trabalhadores não conhecem o desemprego. O direito ao trabalho é uma garantia de todos os cidadãos. As crises sociais que assolam o mundo capitalista não se fazem sentir nos países em que acabaram a exploração e a propriedade privada dos meios de produção

se verifique uma grande procura de materiais de construção, incluindo máquinas e outros utensílios. Mas tudo foi examinado e planeado a tempo, sobretudo as forças produtivas. O número de oportunidades para a formação nas mais diversas especialidades, de acordo com o programa habilitacional, assegura a cada novo profissional trabalho na profissão aprendida. Na capital da RDA, três em

cada dez jovens iniciarão a aprendizagem numa profissão ligada à construção civil.

A CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO E O FIM DO DESEMPREGO

Tal como na indústria da construção civil, também os outros ramos industriais se orientam a longo prazo, não só quanto ao número dos que se formam e devem formar, mas também quanto aos planos de formação. Os que passam pelo Curso politécnico de dez séries — que todos podem completar — alcançam um nível teórico e prático sólidos, o que possibilita uma actividade qualificada na profissão escolhida e aprendida.

O mesmo se pode dizer relativamente «aos» estudos técnicos e especializados. Cada estudante que tenha estudado 4 ou 5 anos, após a prestação dos exames tem um posto de trabalho plenamente garantido.

É muito importante o facto de a assistência do Estado não se limitar a oferecer uma possibilidade única aos que concluem os estudos. Oferece-se muito mais a cada um. Existe um amplo sistema estatal e empresarial destinado à posterior formação profissional. Esse sistema concede determinadas facilidades a todos, sejam homens e mulheres, tenham vinte ou cinquenta anos, para a conquista de novos conhecimentos. Deste modo, muitos podem aprender a utilizar máquinas novas e altamente

produtivas. Mas nunca, em caso nenhum, essa racionalização da produção implica desemprego. Na RDA, a racionalização não está ligada ao desemprego, uma vez que, antes de ser posta em prática, é discutida pelos trabalhadores.

Essa segurança de trabalho, orientada no sentido de responder às necessidades dos que trabalham e decorrente da política económica posta em execução, só é possível porque os meios de produção pertencem aos trabalhadores. As condições que criam o desemprego são liquidadas com o socialismo: a propriedade privada dos meios de produção, a exploração, a luta de concorrência e a crise e insegurança sociais que essas condições acarretam.

NO SOCIALISMO NÃO HÁ DESEMPREGO

A economia socialista planificada, a formação e emprego das forças produtivas merecem grande atenção, ultrapassando as fronteiras. O número de jovens que participa nos projectos bilaterais e multilaterais realizados no âmbito do Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME) cresce permanentemente.

A situação é totalmente diferente no âmbito do Mercado Comum Europeu (CEE), onde cada um procura resolver o seu problema à custa de outro. Ao contrário, a integração socialista fortalece a economia de cada país integrado no sistema. Por isso mesmo, no socialismo, agora ou no futuro, não há nem haverá lugar para crises ou insegurança social.

edições
Avante!

CURSO BÁSICO DO COMUNISMO CIENTÍFICO

AO LEITOR

As Edições «Avante!» vêm apresentar ao público leitor português o primeiro volume do *Curso Básico do Comunismo Científico*, importante obra de formação teórica e de esclarecimento ideológico.

Este Curso reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras, e por outro o resultado concreto, prático, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o proletariado ao futuro que traz nas mãos. E isto permite-nos salientar dois pontos deveras importantes:

1.º Quanto melhor soubermos e compreendermos por que lutamos, e quais os pressupostos e as condições da vitória que não nos escapará, mais decisivos serão os golpes que, com certeza infalível, nós, operários, camponeses e demais trabalhadores deste País, desferiremos contra as forças do passado, da opressão e da exploração.

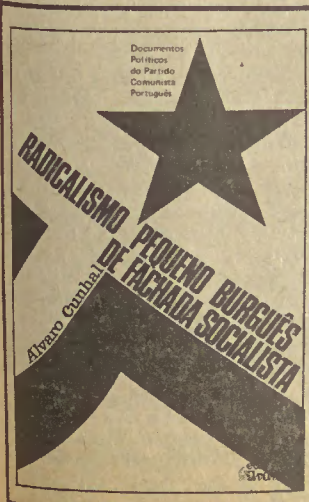
2.º O que outros fizeram, nós faremos também. E tá-lo-emos com a nossa energia revolucionária, com a nossa vontade firme, com a nossa iniciativa criadora. E com a ajuda e a solidariedade de quantos o fizeram já, e de todos os outros — os que, por essa Europa fora, por esse mundo fora, ganham alento com o que já conseguimos fazer.

O *Curso Básico do Comunismo Científico*, ainda que básico, é um livro importante, informando, forma; esclarecendo, ensina; formando e ensinando, educa; e prepara a prática revolucionária e científica da construção da história. Da história que começou em 1917, no País dos Soviéticos, com a Grande Revolução Socialista de Outubro. E o Povo português quer sair da pré-história que é a sociedade de classes antagónicas, da opressão, da exploração capitalista, da guerra imperialista de rapina, do colonialismo e do neocolonialismo, da opulência de uma minoria parasitária, e do trabalho, da miséria, da fome, do analfabetismo, do obscurantismo, da degradação física e moral da imensa maioria da humanidade.

Colocamos, pois, este *Curso* nas mãos dos nossos operários industriais e rurais, dos camponeses, de todos os trabalhadores, da nossa juventude. E com certeza de que nada poderá deter-nos na nossa marcha para o socialismo.

Edições «Avante!»

**FEIRA POPULAR
ACTIVIDADE DO STAND DO «AVANTE!»
NO FIM DE SEMANA
LÊ O PRÓXIMO «AVANTE!»**



edições
Avante!

**Um livro
sempre
actual**

Pedidos à
Editorial «Avante!»
Av. Santos
Dumont, 57-2.º
LISBOA

A QUEM APROVEITA O «APARTHEID»?

O apartheid está historicamente condenado. Todos os que o defendem e apoiam serão um dia severamente punidos pelo tribunal dos povos

A volta do regime racista da República da África do Sul, o torno do isolamento político aperta-se. As ondas do movimento de libertação nacional ultrapassam as fronteiras. Cada vez um maior número de países fecham as suas representações diplomáticas em Pretória e rompem relações com a RAS. Nestas condições, o Governo Vorster procura febrilmente apoios externos, qualquer que seja a sua proveniência. Ele apela principalmente para o capital estrangeiro, para os monopólios internacionais.

De facto, esses monopólios, descurando a atitude oficialmente tomada pelos governos dos seus Estados (e gozando por vezes da sua complacência tácita), são desde já um dos principais apoios financeiros, políticos e mesmo militares do racismo e do apartheid no sul de África.

O apartheid está historicamente condenado, o que

ver, o africano ganha em média 7 libras esterlinas por semana, enquanto que o salário mínimo de um operário branco é de 146 libras. Aliás, os monopólios na RAS obtêm, segundo os dados oficiais, em média, com os impostos deduzidos, um lucro de 10% sobre o capital (ou seja, duas vezes mais que nos Estados Unidos ou na Grã-Bretanha). Uma sondagem de selecção efectuada junto de 250 grandes companhias, mostrou que essa taxa foi diminuída, porque na indústria têxtil é de 16%, na indústria química de 19%, na indústria de máquinas agrícolas e na electro-técnica é de 20%, no comércio grossista é de 22% e na construção é de 23%.

Portanto não é de admirar que os investimentos estrangeiros, durante os últimos cinco anos tenham duplicado na RAS, e atinjam agora 7,8 biliões de rands (o rand da RAS vale 0,62 libras esterlinas ou 1,48 dólares

países; quanto a Lonrho britânica ela encontra por si o meio de preencher essas funções em certos países independentes de África.

O TRIBUNAL DOS POVOS OS JULGARÁ

A essa aliança de negócios junta-se a comunidade espiritual dos ideólogos do apartheid e de numerosos «managers» das companhias estrangeiras da RAS.

«Estou 100% de acordo com a política dos bantustãos», declarou o director da sucursal da Corporação americana internacional Harvester. «É razoável no duplo plano político e económico. As minhas simpatias vão para o que o governo sul-africano tenta fazer, porque não estou interessado em ver uma multidão de negros a vadiarem perto da minha casa». O representante de Ford, como lhe perguntassem se ele tinha amigos entre a população autóctone, respondeu com a candura do racista americano: «Não. Não tinha nenhuma relação com eles nos Estados Unidos, não vou a casa deles aqui, e se voltar para os EUA tenciono fazer o mesmo».

O negócio comum dos monopólios internacionais e do governo racista de Pretória faz deles parceiros na luta contra o movimento de libertação nacional, no país e fora das suas fronteiras. As corporações ajudam o regime a arranjar um potencial militar-industrial. A Imperial Chemical Industries e a De Beers construíram na RAS uma fábrica de munições. A firma francesa Marcel Dassault fornece aviões de combate e helicópteros. A maioria dos grandes fornecedores do Pentágono estão representados por filiais, e a escandalosamente célebre ITT consagra 70% das suas operações na RAS ao fornecimento de armas aos racistas.

Apesar das resoluções do Conselho de Segurança, o território da RAS é hoje uma via de trânsito para as entregas de armas e de material estratégico ao regime de Smith, na Rodésia. Em contrapartida, os monopólios apropriam-se do manganês, do crómio, do tabaco.

Os monopólios internacionais são cúmplices da exploração dos recursos naturais e da população da Namíbia, país ilegalmente rebaixado, pelo regime de

Vorster, para a categoria de colónia. Mensas concessões na Namíbia foram concedidos a De Beers (diamantes), Rio Tinto-Zinc (urânio, cobre, molibidénio), à Shell, à British Petroleum (petróleo), à US Steel (minério de ferro), e a outras companhias ocidentais.

As actividades dos monopólios internacionais aliados do regime racista não escaparam à opinião mundial. Os monopolistas sentem já o impacto dos protestos gerais. Isso obriga-os a mudar de tática, a disfarçar e mesmo a fazer concessões à opinião pública. A Dupont retirou a sua marca da sua sucursal na RAS. A ASEA sueca desistiu de vários projectos de carácter manifestamente colonialista. A Polaroid americana tentou mesmo acabar na sua fábrica, na RAS, com a discriminação dos operários autóctones, em matéria de salários. «Os quatro anos de luta da Polaroid contra o apartheid, à qual foi dada tanta publicidade, não deu nada de bom aos habitantes negros da RAS», dizia o correspondente da France-Press em Joanesburgo. O material fotográfico da Polaroid é utilizado pelos racistas para fazer os passaportes usados para estabelecer a identidade dos africanos e controlar as suas deslocções. Na direcção da firma que representa a Polaroid na RAS não há um único africano, embora a companhia tenha destinado uma quantia de 300 000 dólares, mais ou menos, para a instrução e formação de quadros entre a população autóctone da RAS.

A população autóctone da RAS, oprimida pelos racistas, toma cada vez mais consciência da sua situação. Um movimento sindical clandestino é desenvolvido. Apesar da repressão, houve durante os últimos 20 meses cerca de 300 greves, nas quais participaram 76 000 pessoas. As centrais sindicais nacionais e internacionais dão ajuda e assistência ao proletariado africano. Multiplicam-se as acções de solidariedade pan-africana. Elas têm como objectivo quebrar a ditadura da minoria branca.

Os monopólios internacionais, tendo selado uma odiosa aliança com Vorster, encontram-se, tal como ele, isolados. Ao seu lado, eles comparecerão um dia perante o tribunal dos povos que lhes pedirá severamente contas.



SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL CONTRA O FASCISMO

A luta das classes trabalhadoras contra a exploração e a repressão desenrola-se em todos os locais e a todos os níveis. Por isso se impõe a solidariedade com os povos que hoje mais sofrem a opressão fascista, como seja o caso do Chile, Espanha, Brasil e Uruguai. O inimigo é o mesmo e urge derrotá-lo. A solidariedade internacional e a unidade de todos os trabalhadores conduzirá à vitória final

O exemplo recente do Chile, em que convém meditar, exige a solidariedade internacional na luta contra a opressão e o terror fascista que se abateu sobre aquele país da América Latina.

Destruindo as liberdades mais elementares e forçando as classes trabalhadoras e a pequena burguesia a uma situação de escravidão, apenas semelhante aos tempos recuados da idade média, o regime assassino de Pinochet procura, deste modo, ganhar para o capitalismo internacional, especialmente para o imperialismo ianque, todos os benefícios e lucros chorudos que o grande capital tinha alcançado, naquele país, e não só, através da exploração dos trabalhadores e das camadas da pequena burguesia, fomentando e financiando para isso governos corruptos que não evitavam e não exitam em defenderem os interesses dos grandes monopólios — sejam eles norte-americanos, ingleses, franceses, sul-africanos ou de qualquer outra nacionalidade — em vez de procurarem salvaguardar os interesses nacionais em geral e das classes trabalhadoras, em particular já que é nelas que se articula toda a produção e o desenvolvimento da riqueza, riqueza essa que não pode ser preterida de uma minoria privilegiada que não trabalha e não conhece sequer o significado do verbo trabalhar, mas que é urgente repartir por todos aqueles que dão o seu esforço quotidiano e sem os quais um país não pode sobreviver.

E urgente pois a solidariedade internacional para com o Chile. E não só. O fascismo abate-se também ou continua a subsistir — sempre com o apoio incondicional do capitalismo internacional — na Espanha, Brasil e Uruguai.

E é urgente a solidariedade internacional para com os povos oprimidos desses países, na medida em que a luta entre oprimidos e opressores não se processa apenas a nível do país, mas sim à escala internacional. A vitória das classes trabalhadoras num recanto qualquer do globo representa uma derrota mais para o poder dos grandes monopólios e servirá de estímulo e indicará o caminho para os povos que ainda estão a sofrer a opressão e o terror levando-os a caminhar cada vez mais firme e decididamente na batalha da liberdade.

O imperialismo, o poder dos monopólios sabe próximo o seu fim. Por toda a parte se avolumam as vitórias das classes trabalhadoras, de que a libertação do Vietname do Sul é o exemplo recente mais flagrante. Outros países começam a anverdear por uma política de independência nacional contrariando assim os intentos exploradores do capitalismo internacional. Uma onda de liberdade assola todo o mundo. Por tudo isto o imperialismo agarra-se desesperadamente às posições que ainda ocupa. Não hesita em prender indiscriminadamente e em matar para fazer valer os seus direitos. Incapaz de solucionar a grave crise económica que aumenta sem cessar a multiplicação de desempregados, tanto na Europa Ocidental como na América do Norte, o imperialismo gasta os seus recursos fomentando guerras para ter acesso a fontes de matérias-primas para sugar, como é o caso de Angola, ou então esbanja rios de dinheiro para manter no poder governos que desempenham a contento o papel de lacaios a troco de alguns (muitos) dólares.

O imperialismo, o poder dos monopólios, caminha para o seu fim. A exploração do homem pelo homem terminará inevitavelmente. Por toda a parte as massas trabalhadoras partem para a luta, recolhem experiências, iniciam novos caminhos.

A solidariedade internacional com os povos oprimidos, como forma de luta, é a retaguarda indispensável em qualquer batalha. E os trabalhadores sabem que a vitória é difícil mas que lhes pertencerá, não aqui e agora, mas em todos os locais onde ainda persiste a exploração e o terror que a possibilidade. Por isso a luta não para, antes ganha novo vigor e desenvolve-se sempre, mesmo nos locais onde a repressão assassina à primeira vista, a torna mais difícil.

A solidariedade internacional das classes trabalhadoras com os povos oprimidos é indispensável pois na medida em que se ajudam esses povos estamos a contribuir

para que o fascismo não possa avançar.

UMA DERROTA, MAS NÃO O FIM

Quando em 11 de Setembro de 1973 o fascismo mergulhou o Chile numa onda de sangue e de terror, a derrota que as classes trabalhadoras sofreram não significava que a batalha estivesse perdida. Nunca a classe operária e os seus aliados se deu por vencida na dura luta que desde sempre tem travado. Imediatamente, começou a reorganização de forças e das experiências vividas foram tirados os ensinamentos correctos para se prosseguirem novas formas de luta, que continua.

O Chile de hoje lembra a Alemanha de Hitler de um modo que salta à vista. Os actos de selvajaria e os crimes da junta militar estão na linha dos métodos clássicos do fascismo. A repressão e o terror tornados norma constituem a essência do regime dos generais reaccionários, com Pinochet à cabeça. Os massacres de cidadãos inocentes e sem defesa visam anular os mais coagidos do povo a submeter-se à ditadura militar, destruindo o seu desejo de resistência. Os presos políticos são inumeráveis e contam-se aos milhares.

Todas as liberdades democráticas foram abolidas no Chile, os partidos e organizações políticas proibidas, as leis anuladas. «A constituição» que está a ser forçada para as eleições gerais e, no «parlamento», onde reinarão os militares, os deputados serão designados pelo «governo».

O imperialismo norte-americano retomou no Chile as suas posições-chave e o sector estatal foi quase inteiramente liquidado e, assim, o povo chileno viu-se privado das principais empresas industriais que são agora exploradas pelos grupos financeiros do país.

O mesmo se passa na agricultura. Ao longo da reforma agrária, 1.403 grandes propriedades foram expropriadas sob o governo democrata-cristão (1964-1970) e 4.705 sob o da Unidade Popular. A junta militar anulou todo ou parcialmente a expropriação de cerca de 3.000 domínios.

Ao mesmo tempo, as autoridades deram os primeiros passos no sentido de retirar ao povo chileno o seu bem mais precioso — os jazigos de cobre. No final de Julho de 1974, a junta tomou uma decisão que reduz a nada a reforma constitucional que previa a nacionalização total dos jazigos de cobre.

A economia do país encontra-se de novo numa forte dependência dos monopólios, principalmente americanos.

São os trabalhadores que mais sofrem com a política económica da junta. Proclamando ser necessário «voltar à realidade» e «apertar o cinto», procedeu-se a uma redistribuição do rendimento nacional a favor dos monopólios e da oligarquia local. O golpe final foi dado em Outubro de 1973 pelo decreto que suprime o controlo dos preços.

Esta política conduziu a uma subida de preços como o país jamais tinha conhecido. Muitas mercadorias aumentaram de 18 a 20 vezes e certos produtos alimentares de 50 a 90 vezes.

O jornal italiano «Paese Sera» qualificou a política económica do regime fascista do Chile de «genocídio pela fome».

A situação catastrófica dos trabalhadores é ainda agravada pelo facto de mais de 600.000 pessoas não terem trabalho (11,4% de desempregados em 1974) e de despedimentos continuarem. Espera-se que 100.000 funcionários (20% do contingente total) e 16.000 representantes do corpo médico (40%) sejam também despedidos.

A baixa do poder de compra reduziu consideravelmente o mercado interno o que, por sua vez, conduziu à redução na produção de inúmeros artigos industriais.

A política económica da junta lesou também os interesses de grande parte das camadas médias que se tinham oposto de modo particularmente activo ao governo de Allende no seu último período e que, após o «putsch», deram o seu apoio à ditadura militar. Essas camadas conhecem agora por experiência própria as tristezas e a dor que o regime reaccionário de Pino-

chet trouxe ao país. A maior parte das fábricas e empresas fechou, os pequenos comerciantes arruinaram-se, a confederação nacional dos pequenos proprietários agrícolas foi dissolvida.

A política económica do regime militar levou ao seu isolamento. Mesmo aqueles que saudaram o derrube de Allende colocam-se agora contra a junta que se esforça por dissimular o descontentamento da população e criar uma aparência de apoio popular. Mas essas tentativas têm resultado num fracasso total.

A UNIDADE FAZ A FORÇA DO POVO

Uma dura repressão se abateu sobre as organizações políticas de esquerda logo a seguir ao golpe de Estado. Muitos dos seus líderes foram presos e lançados em prisões ou campos de concentração. Mas rapidamente os partidos da Unidade Popular, tendo reorganizado na clandestinidade as suas fileiras, começaram a actuar dirigindo a luta dos patriotas. Cada partido analisou individualmente a situação no país e todos chegaram à conclusão de que era indispensável unir os esforços e alcançar a unidade de acção.

A Unidade Popular parte do ponto de vista de que a tirania da clique militar reaccionária no poder tem um carácter fascista. E considera também que é necessário antes de mais constituir uma larga frente patriótica anti-fascista que desenvolvesse uma acção combativa em cada empresa, em cada bairro, com a participação de todas as organizações políticas inimigas da junta.

Logo após a tomada do poder pela junta, os comunistas consideraram que a luta contra ela devia ser dirigida do interior do país. Esse ponto de vista foi aceite pelas outras organizações políticas da Unidade Popular, o que se reflectiu no Apelo conjunto de 1 de Maio de 1974. Este documento veio mostrar que as forças de esquerda souberam, a despeito do terror fascista, adotar uma posição comum e coordenar os seus esforços. É de notar que o Apelo se dirige não apenas aos partidários da Unidade Popular mas também a todos aqueles que têm no coração os interesses da pátria, da liberdade e da democracia.

Não é de admirar que o Partido Comunista Chileno seja para a junta o inimigo n.º 1. «De todos os nossos inimigos o Partido Comunista é o principal e o mais perigoso. Temos de o desmantelar antes que se reorganize em todo o país», declarou Pinochet em Julho de 1974. Mas o Partido Comunista, longe de se desagregar, sai das duras provas a que é submetido mais forte, mais unido, mais activo. Os comunistas do Chile encontram-se na vanguarda da luta pela liberdade do seu país.

A SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL

O movimento internacional de solidariedade com os patriotas chilenos à cabeça do qual se encontram a União Soviética e os outros países socialistas não cessou desde o trágico 11 de Setembro de 1973. Numerosos países cortaram as relações com a ditadura de Pinochet, apoiando o povo chileno que luta pela sua libertação em condições extremamente duras.

Um enorme vago de solidariedade encontra-se expressa na resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas, adoptada por esmagadora maioria e que exige o restabelecimento dos direitos do homem no Chile, na condenação da junta pelo Comité dos Direitos do Homem da Organização dos Estados Americanos (OEA), nas resoluções da conferência do partido trabalhista da Grã-Bretanha que criticou violentamente o regime de Pinochet. A junta militar encontrou-se em flagrante isolamento na conferência dos países do Pacto dos Andes, em Lima, na conferência da comissão económica da ONU para a América Latina, no México, e na conferência consultiva da OEA em Quito. O mundo ficou indignado perante os crimes da junta revelados nas sessões da comissão internacional que se rea-

lizaram em Helsíquia, Copenhaga e no México com a participação de iminentes personalidades públicas e políticas de numerosos países.

As forças progressistas têm alcançado grandes sucessos. Sob a pressão da opinião pública, a junta viu-se obrigada a autorizar a partida de muitos chilenos que, depois do golpe de Estado reaccionário encontraram refúgio político em diversas embaxadas, e a libertar numerosos presos políticos. A Inglaterra, a Itália, a Holanda, a Bélgica, a Suécia, a Dinamarca e Noruega boicotam as reuniões dos representantes dos países credores nas quais deveriam ser revistos os prazos de reembolso da dívida externa do Chile. O governo inglês declarou nomeadamente que não se devia conceder ao regime de Pinochet qualquer benefício financeiro enquanto os direitos do homem não forem restabelecidos no Chile.

A opinião pública mundial salvou Luis Corvalan, secretário-geral do Partido Comunista Chileno, da supressão física. Apresionado pela junta fascista, Corvalan tem demonstrado uma excepcional coragem e uma fé inquebrantável no triunfo da democracia e do progresso.

Os acontecimentos que actualmente se produzem no Chile a crescente luta dos patriotas contra a junta militar, o enorme apoio que recebem de todas as forças progressistas do mundo mostram que os comunistas têm razão. Não vem longe o dia em que a aurora da liberdade se erguerá de novo sobre o Chile, fazendo desaparecer para sempre o período de obscurantismo e repressão.

A LUTA CONTINUA EM ESPANHA, NO BRASIL E NO URUGUAI

Se o Chile é o exemplo que está mais marcado na memória de todos os antifascistas, por ser o mais recente e onde a repressão se tornou mais brutal o facto é que a luta continua, em todos os recantos do mundo onde o fascismo ainda subsiste, nomeadamente em Espanha, Brasil e Uruguai.

Em Espanha, onde a morte do ditador Franco não alterou nada as estruturas repressivas ao contrário do que alguns reformistas acreditavam, como também em Portugal nada se alterou quando o fascista Salazar morreu, as classes trabalhadoras continuam a movimentar-se no sentido de dar àquele país a liberdade perdida em 1939, com a contribuição de Hitler e de Mussolini. Prova recente de que o regime se sente inseguro apesar da máquina repressiva de que dispõe, é o facto de poucos dias antes da investidura do «príncipe» Juan Carlos se terem efectuado centenas de prisões por todo o país, visando em particular os comunistas. Por outro lado a amnistia recentemente proclamada no país vizinho não abrangia os militantes comunistas presos nas masmorras do governo fascista.

Também no Brasil a vaga de prisões é o sinal mais evidente de que a classe operária e a sua vanguarda revolucionária continuam activos na luta contra o regime de terror imposto ali com a connivência do imperialismo ianque. Começam-se já a conhecer todas as barbaridades cometidas pela polícia política brasileira, que não hesita em suprimir fisicamente os opositores ao regime e por toda a parte se erguem vozes de protesto contra o regime ditatorial brasileiro, impedindo assim que mais crimes sejam cometidos.

Entretanto, no Uruguai, o regime de Bordaberry pratica impunemente com o apoio dos serviços secretos americanos e dos técnicos em tortura do Brasil toda uma vaga de terror, sequestrando indiscriminadamente todos aqueles que se opõem à fascização do país. São atingidos os dirigentes sindicais, os intelectuais e mesmo os familiares destes não escapam à vaga de terror, única solução que o impopular regime de Bordaberry tem para continuar a sobreviver.

A solidariedade internacional para com a luta destes povos é importante. Em cada país onde se exerce a repressão e a exploração a classe operária mantém uma frente de batalha. E a vitória ainda que difícil chegará. Essa a certeza que todos os dias se torna mais forte e que solidifica a determinação na luta.



quer dizer que o dinheiro é investido num empreendimento votado a uma próxima falência. Assim, numerosas companhias de seguros e mesmo instituições oficiais dos países ocidentais recusam garantir investimentos, em ambiente de racismo e de apartheid. Se, contudo, esses investimentos se fazem, é unicamente porque os monopólios descontam da parte da RAS um «salário do medo» mais sedutor que em qualquer outra região do mundo.

Digamos para começar que o sub-solo da África do Sul é rico em matérias das quais algumas, nas circunstâncias actuais, são particularmente preciosas: o urânio, o ouro, a platina, os diamantes. As áreas de extracção tradicional — o Transval e o Estado livre de Orange — vieram juntar-se os riquíssimos jazigos, há pouco descobertos, na Namíbia. 75% do ouro importado para os países capitalistas provém actualmente da África do Sul. Os Estados Unidos recebem dela 57% do vanádio de que necessitam, 40% do crómio; para os estados do Mercado Comum, vão 47% de manganês e 29% de crómio; para o Japão 31% do manganês e 53% do crómio. Com a falta crescente das matérias primas nos países ocidentais, essas riquezas são de grande valor para os monopólios.

E mais ainda, eles são também seduzidos pelo baixo preço da mão de obra. Na República da África do Sul, os salários dos operários africanos não mudam desde há perto de meio século. Cerca de metade deles são emigrantes. Eles estão instalados em «ghettos» industriais nos arredores das grandes cidades, e estão privados de todos os direitos cívicos. Os sindicatos são praticamente proibidos, as greves são ferocemente esmagadas. Durante os últimos 20 meses, cerca de 80 mineiros africanos caíram sob as balas das polícias, em conflitos de trabalho.

Os salários dos africanos são inferiores aos dos brancos cerca de 5,5 vezes na indústria de transformação e no comércio grossista, 6 vezes na construção e nos transportes e nas minas chegam a ser de 16 vezes inferiores. Em Durban, numa fábrica do monopólio anglo-holandês Unile-

dos EUA). 58% desses investimentos são ingleses, 24% são alemães ocidentais, 15% são americanos. No total, em 1974 conheciam-se na RAS 1632 companhias estrangeiras.

Os magnates ocidentais do petróleo, principalmente a Shell, British Petroleum, Total, Gulf Oil, abastecem a RAS de petróleo, matéria que nessa região do mundo é rara.

A RAS é igualmente um grande importador da tecnologia ocidental, principalmente em ramos como a metalurgia, a química, as comunicações, as construções mecânicas, a energética nuclear, o fabrico de armas.

Por fim, numerosas firmas ocidentais tornaram-se nos elos de apoio dos interesses da RAS nos seus

ANGOLA LUTA, TRABALHA E PRODUZ

A coligação invasora do território angolano já não consegue perturbar a produção e as tarefas do ensino que os trabalhadores levam a cabo em Angola. As FAPLA avançam em todas as frentes, expulsando o invasor imperialista

«A situação militar em Angola continua a evoluir favoravelmente às forças nacionais que nos últimos dias têm registado avanços significativos sobre o terreno, com especial destaque para a frente norte, onde foram recuperadas grandes quantidades de armamento e munições, abandonados pelos exércitos mercenários a soldo do imperialismo», anunciou esta manhã o comandante Júlio de Almeida, do Comissariado Político do Estado Maior das FAPLA.

Em resultado do esforço de guerra dos combatentes do MPLA, a libertação das zonas ocupadas ainda militarmente pela coligação UPA-FNLA-UNITA-ELP-ZAIRE-ÁFRICA DO SUL, está a desenvolver-se a um ritmo mais ou menos rápido, permitindo que o povo trabalhador dessas áreas retome a produção e as tarefas do ensino, que constituem importantes frentes de luta no contexto do processo revolucionário em curso neste país.

Durante um encontro que decorreu esta manhã, numa unidade militar de Luanda, entre representantes dos órgãos de informação acreditados em Angola e os

comandantes Júlio de Almeida e Ndalo, este último, que dirigiu as operações de limpeza na zona do Caxito e Barra do Dande, varrendo de lá a presença dos lacaios do imperialismo, foi apresentada grande quantidade de armamento ligeiro e pesado, assim como munições que constituem uma pequena parte do material recuperado ao inimigo tanto no Caxito como na Barra do Dande.

Desse material, fabricado em diversos países, como os Estados Unidos, China, Bélgica, Alemanha Ocidental, e França, destacam-se canhões e morteiros de grande calibre, explosivos e munições diversas. Todas as caixas contendo material proveniente dos Estados Unidos, apresentam rótulos referindo tratar-se de ofertas... ao povo zaireense.

ANGOLA ESTABELECEU RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM A CHECOSLOVÁQUIA

O Ministério Angolano das Relações Exteriores comunica que fo-

ram estabelecidas relações diplomáticas com a República Socialista Checoslovaca. É o seguinte o teor do acordo: «Os governos da República Popular de Angola e da República Socialista Checoslovaca, animados pelo desejo de desenvolver a cooperação mútua com base nos princípios da amizade, do respeito mútuo pela soberania e integridade territorial, da igualdade e das vantagens recíprocas, decidiram estabelecer relações diplomáticas ao nível de embaixada a partir de onze de Novembro de 1975».

DIA DO PIONEIRO

Pela primeira vez em liberdade, Angola comemorou ontem o Dia do Pioneiro, assinalando o bárbaro assassinato pelas tropas coloniais de um jovem estudante, Augusto N'Gangula abatido na zona da III Região Militar do MPLA, no dia 1 de Dezembro de 1968, por se negar a indicar o local onde funcionava uma base operacional dos patriotas angolanos.

O dia não foi feriado, pois os trabalhadores angolanos integrados na palavra de ordem «produzir é resistir», acorreram aos seus postos de trabalho. Apenas as crianças das escolas tiveram o dia livre. Participaram, contudo, em diversas manifestações alusivas à data. Nos bairros de Luanda, foram acesas fogueiras do pioneiro. O Presidente Agostinho Neto, recebeu, domingo à tarde, nos jardins do Palácio, todos os pioneiros de Luanda, para confraternizar com eles.